

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**WILSON KRETTE JÚNIOR**

**JORNALISMO GONZO NA REVISTA TRIP:  
UMA ANÁLISE DE GÊNERO**

**São Paulo**

**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**WILSON KRETTE JÚNIOR**

**JORNALISMO GONZO NA REVISTA TRIP:  
UMA ANÁLISE DE GÊNERO**

**Dissertação apresentada ao  
programa de mestrado em Letras da  
Universidade Presbiteriana  
Mackenzie, como requisito parcial  
para a obtenção do título de mestre  
em Letras.**

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Neusa Maria  
Oliveira Barbosa Bastos**

São Paulo

2006

K92j Krette Júnior, Wilson  
Jornalismo Gonzo na revista Trip: uma análise de gênero /  
Wilson Krette Júnior. - - São Paulo, 2006.  
131 p.: il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade  
Presbiteriana Mackenzie, 2006.  
Orientação: Profª Drª Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos.  
Bibliografia: p. 105 - 116

1. Análise do discurso. 2. Lingüística textual. 3. Jornalismo  
literário. I. Título.

**WILSON KRETTE JÚNIOR**

**JORNALISMO GONZO NA REVISTA TRIP:  
UMA ANÁLISE DE GÊNERO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisa Guimarães

---

Dra. Nancy dos Santos Casagrande

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos – Neusinha –, pela disponibilidade de atendimento, pela paciente orientação e, principalmente, pelo incentivo à conclusão deste trabalho.

À querida professora Dr<sup>a</sup> Elisa Guimarães, minha eterna gratidão pelo carinho, incentivo e valiosos comentários e sugestões apontados no decorrer do exame de qualificação.

À professora Dr<sup>a</sup> Nancy dos Santos Casagrande, pela valiosa contribuição no decorrer do exame de qualificação.

À professora Dr<sup>a</sup> Sheila Grecco, pela fundamental e compreensiva ajuda na reta final.

Ao meu eterno “chefe-amigo”, Gilberto Garcia da Costa Júnior, pelo incentivo constante, confiança e inspiração no momento da escolha do tema.

Ao meu grande amor e aos amigos verdadeiros, poucos, mas intensos, que direta ou indiretamente estiveram presentes no desenvolvimento deste trabalho.

***“A palavra não só diz o mundo, mas também o  
funda – ou o transforma.”  
(Octavio Paz)***

***“Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca  
existiu.”  
(Clarice Lispector)***

## RESUMO

A presente dissertação propõe uma reflexão sobre o Jornalismo Gonzo no Brasil. O propósito é analisar reportagens publicadas na revista *Trip*, representativas desse gênero jornalístico, e explorar procedimentos lingüísticos e discursivos.

O trabalho se inicia com um balanço da recepção crítica, que parte do desenvolvimento da lingüística até chegar à análise do discurso. A intenção é oferecer ao leitor uma breve, porém necessária, base teórica. Optou-se por apresentar os conceitos e o percurso histórico de três gêneros do discurso jornalístico: o Jornalismo Literário, o *New Journalism* e o Jornalismo Gonzo.

O corpus será analisado sob as perspectivas de gênero e dos elementos constitutivos do texto do Jornalismo Gonzo. Tal processo implica observar elementos temáticos e estruturais. Dentre os principais referenciais teóricos estão a análise do discurso de linha francesa e o estudo de gêneros proposto pelo pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975).

O conceito de gênero norteia o trabalho e serve de base para a caracterização do corpus jornalístico. Apesar de a pesquisa se deter no Jornalismo Gonzo, por meio da interpretação de duas reportagens publicadas em 2005 e 2006, fez-se necessária a apresentação dos outros dois gêneros, a fim de verificar seu caráter fluido, suas contribuições e apropriações. A pesquisa busca abordar, ainda, a questão do suporte e o processo de desenvolvimento da revista selecionada, sem perder de vista o panorama internacional. Lançada em 1986, a *Trip* notabilizou-se, no Brasil, por dedicar espaço à reportagem gonzo. Considerada alternativa e contemporânea, tornou-se um fenômeno editorial importante entre o público jovem formador de opinião. Tem atualmente 187 mil leitores.

Apesar da vasta fortuna crítica que se formou, nos últimos anos, sobre a análise do discurso, a dissertação parte do pressuposto de que esse estilo de reportagem ainda é considerado um gênero menor pela academia. Nesse sentido, o objetivo final é contribuir para os estudos do Jornalismo Gonzo no Brasil, bem como desvelar sua importância, originalidade e especificidade.

Palavras-chave: Lingüística textual; análise do discurso; gênero textual; Jornalismo Literário; *New Journalism* e Jornalismo Gonzo.

### [SGON1] Comentário:

Precisamos padronizar: ou tudo em caixa alta ou em baixa. Sugiro caixa baixa, a própria Elisa Guimarães utiliza “discurso” em caixa baixa no livro dela. Ramos ou áreas do conhecimento, como a própria “lingüística”, não precisam ser escritos em maiúsculas, a menos que haja um sentido específico, peculiar no texto, o que parece não ser o caso. Note, ainda, que a própria Elisa Guimarães, em seu livro, utiliza “lingüística”, “gêneros” e “análise do discurso” em minúsculas.



## ABSTRACT

This thesis attempts to study the Gonzo Journalism in Brazil. The purpose is to analyse the reportage published by *Trip* magazine, which is an example of this journalistic genre, as well as to explore linguistic and speech procedures.

Firstly, the work tries to review shortly, based on specialised bibliography, the linguistics development until the Speech Analysis School. The aim is to offer a brief but necessary base of theory to the reader. The essay presents the concepts and a historic trajectory of the three following speech genre of journalism: Literary Journalism, New Journalism and Gonzo Journalism.

The corpus will be analysed from the perspectives of genre and textual elements that are typical of Gonzo Journalism. It means to observe thematic and structural components. Hence, the chosen theories are the speech analysis of French School and the genre study proposed by the Russian critic Mikhail Bakhtin (1895-1975).

The study's main concern is to study the genre concept in order to categorize the journalistic corpus. The research is focused on Gonzo Journalism, since it analyses two selected news reporting published in 2005 and 2006. However, it was necessary to present the other journalistic genres with the aim of verify their fluid character, contributions and influences. Besides, the work deals with the types of support and the development of the adopted magazine, regarding the international context. Created in 1986, *Trip* is recognized, in Brazil, due to the space dedicated to Gonzo reportage. It is considered alternative, contemporary and it became an editorial phenomenon between young and influent people. The magazine has today 187 thousand readers.

Despite the vast critic works produced in the last years about speech analysis, this thesis supports that this reportage style is undervalued by the academia. Therefore, the major bulk is to contribute to Gonzo Journalism studies, as soon as to reveal its importance, originality and specificity.

Keywords: Textual linguistics; speech analysis; genre of text; Literary Journalism; New Journalism; Gonzo Journalism.

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>I - O Gênero</b> .....	20
1.1 Da língua ao discurso: história e construção .....	21
1.2 Gêneros do discurso: desvendando os termos. ....	31
<b>II - O suporte</b> .....	39
2.1 Revista e gêneros do discurso jornalístico: sintonia .....	42
2.2 Traçado histórico: a revista no mundo.....	43
2.3 De <i>Ensaio de Literatura</i> a <i>Trip</i> : 200 anos em revista.....	46
<b>III - O discurso jornalístico</b> .....	54
3.1 Literatura e jornalismo: evolução e confluências .....	56
3.2 O <i>New Journalism</i> : a subjetividade de forma objetiva .....	63
3.3 Jornalismo Gonzo: a versão mais radical do <i>New Journalism</i> .....	72
<b>IV - O Gonzo em ação</b> .....	78
4.1 Análise do corpus: texto e contexto .....	80
4.2 Jornalismo Gonzo: macro e microestruturas .....	91
4.3 Gêneros do discurso: em busca de uma análise .....	101
Concluindo e indagando: gênero ou gêneros? .....	105
Bibliografia .....	111
Anexos	

## Introdução

*“Onde há estilo, há gênero.”*

*(Mikhail Bakhtin)<sup>1</sup>*

O gênero textual é tão antigo quanto a própria linguagem. Lido e trelido, os estudos a seu respeito perdem-se na poeira dos tempos e continuam incessantemente a lançar novos questionamentos. A proliferação de gêneros está associada aos avanços tecnológicos, à descoberta de suportes e à velocidade no mundo

contemporâneo. A divisão de gêneros não foi considerada ultrapassada, mas é difícil de ser apreendida nesse novo contexto.

No mundo contemporâneo, no qual as formas de se relacionar modificam-se constantemente, ganham novos formatos e utilizam os mais variados meios para se concretizar, sejam eles orais ou verbais, faz-se necessário ampliar os estudos da linguagem. Isso não significa tratar o texto apenas como uma unidade de comunicação, como um processo eminentemente organizacional, mas, sim, considerar o discurso como parte essencial dessa análise.

Ainda que seja vasta a fortuna crítica formada, nos últimos anos, acerca da análise do discurso e dos estudos de gênero textual, há uma resistência da academia em estudar o texto contemporâneo e notadamente o discurso jornalístico. É justamente esse o desafio a que se propõe esta dissertação. O objetivo é estudar as especificidades do Jornalismo Gonzo no Brasil, a partir da leitura de duas reportagens da *Trip*, revista dirigida ao público jovem e uma das líderes no segmento.

As reportagens selecionadas abordam temas opostos: de um lado o esoterismo, do outro, a política. Elas foram elaboradas pelo jornalista Arthur Veríssimo em espaço intitulado pela própria revista para o gênero gonzo de jornalismo. De onde vem o gênero? Ele pode ser considerado um estilo específico? Quais as suas origens, marcas textuais, propostas, diferenciações em relação ao jornalismo tradicionalmente praticado pela grande imprensa? Como o gênero é percebido e apreendido pelo público? Como tem sido a recepção desse “gênero”?

As questões motivadoras do trabalho são fáceis de delinear, mas o objeto analisado revelou, ao longo do percurso, muitas surpresas. Após pesquisas *in loco* e por consulta na internet, pode-se afirmar que não há nenhuma tese sobre o Jornalismo

---

<sup>1</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 268.

Gonzo nos Departamentos de Letras das principais universidades brasileiras.<sup>2</sup> Se a lacuna bibliográfica dificultou, a princípio, os rumos de pesquisa, por outro lado, reafirmou a necessidade de estudar o tema e tirá-lo da marginalidade.

A marginalidade está na própria raiz da palavra. Conforme aponta Antônio Geraldo da Cunha, em seu *Dicionário Etimológico*,<sup>3</sup> do latim “gomphus”, o vocábulo assumiu no francês antigo a forma “gons”, que remete tanto a “dobradiça” quanto a algo “desengonçado”. Nos dicionários de língua inglesa<sup>4</sup> e francesa, o termo assume hoje o sentido de “bizarro”, “estranho” e “pouco usual”.

Pode-se afirmar que o Jornalismo Gonzo surgiu nos Estados Unidos, na década de 1970, pelas mãos de Hunter S. Thompson,<sup>5</sup> um excêntrico repórter da revista *Rolling Stone*. Suas reportagens ousadas, em que procurava viver como os personagens entrevistados, sujeitando-se aos riscos e a altas doses de adrenalina, ganharam muitos fãs pelo mundo afora. Relatos de leitores apaixonados pelo estilo não faltam. Só no Orkut, rede de relacionamentos da internet, é possível localizar mais de 100 comunidades, ligadas tanto ao termo “gonzo”, quanto à biografia de Thompson e ao Jornalismo Gonzo propriamente dito.<sup>6</sup> No entanto, academicamente o gênero é colocado em segundo plano. As anedotas biográficas ligadas a Thompson, seu

---

<sup>2</sup> É o que se depreende a partir de consultas aos acervos das principais universidades públicas e particulares de São Paulo (PUC-SP, Unicamp, USP e Mackenzie), Rio de Janeiro (PUC-Rio e UFRJ) e Minas Gerais (PUC-MG e UFMG). Outra referência importante para fazer tal afirmação é o estudo de Rachel Esteves Lima. Ela apresenta um anexo das teses defendidas nos principais Estados do país nos Departamentos de Letras e Lingüística. Ver: *A crítica literária na universidade brasileira*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

<sup>3</sup> CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, CAMBRIDGE INTERNATIONAL DICTIONARY OF ENGLISH. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

<sup>5</sup> Não vamos nos estender aqui no anedotário pessoal. Cabe dizer apenas que drogas, rock'n roll, viagens alucinadas faziam parte da mítica que se formou em torno de Thompson, que se suicidou em fevereiro de 2005. Não vamos enveredar por aqui na crítica de que o Jornalismo Gonzo serviu como desculpa para Thompson usar drogas e optar pela marginalidade. Nossa tese aqui se resume a estudar sua contribuição, inegável do ponto de vista de gênero textual para o jornalismo.

<sup>6</sup> Vale ressaltar o objetivo dos criadores dessas comunidades como, por exemplo: “inversão das possibilidades preestabelecidas no jornalismo atual. Desmascarar o simulacro de realidade imposto pela grande mídia”. Disponível em: [www.orkut.com](http://www.orkut.com). Acesso em: 05 nov. 06.

envolvimento com drogas, seu suicídio etc., são temas recorrentes, mas, na academia, excetuando-se comentários esparsos, que, mesmo assim serão analisados no decorrer deste trabalho, pode-se afirmar que não existe trabalho de fôlego sob o tema, especialmente focado na análise de gênero.

Esta dissertação parte do pressuposto de que é no processo interacional do discurso que se pode identificar o posicionamento do sujeito. Ele está, por assim dizer, exteriorizado na superfície textual. Os gêneros não são modelos estanques, estruturas rígidas, mas rotinas sociais institucionalizadas e que revelam as formas culturais e cognitivas de uma sociedade. Ao mesmo tempo que têm uma identidade, os gêneros revelam uma institucionalização. É preciso, pois, perscrutar essas teses em sintonia fina com o universo da reportagem gonzo.

Portanto, utilizaremos como apoio teórico, neste trabalho, os conceitos de análise do discurso (AD<sup>7</sup>), de linha francesa, em que são analisados o locutor e o alocutário, e, ainda, o texto e o contexto de sua produção. Nesse sentido, entende-se que está sendo analisada uma atividade enunciativa ligada a um gênero do discurso. O lingüista Tzvetan Todorov, um dos pilares da escola estruturalista francesa, chama a atenção para o fato de que o discurso engloba uma série de relações sintagmáticas e situacionais. Conforme explica:

A frase é uma entidade da língua e do lingüista. A frase é uma combinação de palavras possível, não é uma enunciação secreta. A mesma frase pode ser enunciada em circunstâncias diferentes; não mudará de identidade para o lingüista mesmo se, por causa dessa diferença de circunstâncias, mudar de sentido.

Um discurso não é feito de frases, mas de frases enunciadas, ou de forma ainda mais breve, de enunciados. Ora a interpretação do enunciado é por um lado determinada pela frase que se enuncia e por

outro pela sua própria enunciação. Esta enunciação inclui um locutor que enuncia, um alocutário a que nos dirigimos, um tempo e um lugar, um discurso que precede outro que segue; numa palavra, num contexto de enunciação. (TODOROV, 1980, p. 49)

Outro nome importante da lingüística francesa, Dominique Maingueneau (2002, p. 95), professor da Universidade de Paris e especialista em análise do discurso, chama a atenção para o contexto extraverbal a que o discurso necessariamente remete. Numa complementação aos aspectos dos enunciados, o pesquisador afirma o seguinte:

Apresentamos os enunciados como sendo o produto de uma enunciação que implica uma cena. Mas isso não basta: toda fala procede de um enunciador encarnado; mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além do texto.

Em um mundo marcado por um caos informativo, principalmente após a introdução do computador e da internet, muitos são hoje os suportes para a produção textual. Por conseqüência, múltiplos são os gêneros que hoje fazem parte do nosso cotidiano. Eles se transformam, ganham versões híbridas e se multiplicam em novas formas, em sintonia com o avanço tecnológico — da carta ao e-mail, das conversas pessoais aos *chats*, dos jornais impressos aos noticiários *on line* na internet e assim por diante. Porém, é importante ressaltar que:

Os gêneros do discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu

---

<sup>7</sup> Daqui para a frente, utilizaremos a forma abreviada nesta dissertação.

enunciado nessas formas. Trata-se, na realidade, de atividades sociais que, por isso mesmo, são submetidas a um critério de êxito. Os “atos de linguagem” (a promessa, a questão, a desculpa, o conselho etc.) são submetidos a condições de êxito: por exemplo, para prometer alguma coisa a alguém é preciso estar em condições de realizar o que se promete, que o destinatário esteja interessado na realização dessa promessa etc. (MAINGUENEAU, 2002, p. 65)

Estudar todos os gêneros existentes seria praticamente impossível, além da diversidade, fugiria da proposta desta dissertação. O objetivo aqui é trabalhar com um gênero específico do discurso jornalístico: o Jornalismo Gonzo (JG).<sup>8</sup> Porém, consideramos fundamental abordar outros dois gêneros que antecedem a esse, historicamente, nesta ordem de surgimento: Jornalismo Literário (JL) e *New Journalism* ou Novo Jornalismo (NJ)<sup>9</sup>. A proposta não é apenas classificá-los e sim, mais do que isso, provocar uma reflexão acerca de suas principais características, para que tais subsídios possam compor a análise do corpus selecionado. Isto porque as fronteiras entre ambos são sinuosas: ora esses gêneros se apresentam com limites tênues uns dos outros, ora absorvem as propriedades de outro gênero, somando-se às suas próprias características.

Os jornalistas têm, sucessivamente, executado funções e utilizado linguagens fronteiriças àquela academicamente definida como sua, como, por exemplo, quando se unem à literatura e se apropriam de muitos dos seus conceitos, a fim de narrar uma história de forma diferente. Trata-se da busca de reproduzir a emoção de um simples fato corriqueiro e, com isso, ganhar a atenção do leitor. Neste caso, o texto se refere ao Jornalismo Literário, que “absorve assim elementos do fazer literário mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes aproveitamento direcionado a outro fim” (LIMA, 2004, p. 178). A

---

<sup>8</sup> Assim identificado a partir daqui.



influência da literatura na imprensa se deu inicialmente no século XVIII. No início, eram os escritores que ocupavam cargos de chefia dentro de jornais e levavam para a imprensa os folhetins. Mais tarde, os jornalistas se apropriaram, de fato, da narrativa literária. Mais, tarde, na década de 1960, surge nas redações americanas o *New Journalism*. Como explica Edvaldo Pereira Lima, a única forma que o jornalismo poderia ter para se igualar, qualitativamente, à literatura, seria aperfeiçoando seus meios, “sem, porém, jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, e elevar seu potencial de captação do real, do outro. Esse caminho chegaria a bom termo com o *New Journalism*” (LIMA, 2004, p.192). O gênero se espalhou pela imprensa de todo o mundo. No Brasil, revelou as primeiras influências ainda na década de 60 e a primeira publicação a se apropriar de algumas características do *New Journalism* foi a revista *Realidade*, um marco na imprensa brasileira.

Numa ousadia ainda maior, surge o Jornalismo Gonzo, um gênero que, apesar de praticado desde 1960 em veículos de comunicação do mundo todo, é considerado altamente subjetivo e que, normalmente, não é legitimado pelos programas de escolas tradicionais de jornalismo.<sup>10</sup> O maior lema desse gênero do discurso jornalístico é o envolvimento profundo do jornalista no processo de elaboração da reportagem.

No Jornalismo Gonzo ou *Gonzo Journalism*, como também é conhecido, o repórter não se restringe apenas à observação, apuração e narração dos fatos. Ele se transforma em um personagem da própria reportagem, interferindo de forma

---

<sup>9</sup> Serão utilizadas as siglas daqui para frente.

<sup>10</sup> É o que se pode depreender, por exemplo, a partir de uma análise dos programas e ementas dos programas de jornalismo das principais faculdades de jornalismo do país, como a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Faculdade de Comunicação e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Além disso, o subjetivismo é radicalmente rechaçado pelos manuais de jornalismo modernos, como o da *Folha de S.Paulo* (ver bibliografia).

sistemática em todo o processo de elaboração e narrativa, que é altamente confessional.

Atualmente na imprensa mundial, o Jornalismo Gonzo vem ganhando espaço e se expandindo gradualmente, principalmente em veículos direcionados ao público jovem. No Brasil, o gênero encontrou abrigo há 15 anos, entre outras, na revista *Trip*, uma publicação mensal, de circulação nacional, com 187 mil leitores. O periódico tem linha editorial voltada ao público jovem e uma seção mensal dedicada ao Jornalismo Gonzo.

A intenção neste trabalho é focalizar a análise deste gênero a partir de duas reportagens que foram publicadas em momentos distintos, com um intervalo de dez meses de uma para outra. A escolha das reportagens se deu a partir de temas que fossem opostos entre si – religião e política, respectivamente – e que tivessem causado grande impacto no público leitor e formador de opinião. A primeira, cuja manchete é *Hey! Arthur*,<sup>11</sup> foi veiculada na edição de número 139, de novembro de 2005. O jornalista nos transporta para o primeiro encontro brasileiro de apaixonados e militantes de magia, histórias medievais e bruxaria. A segunda reportagem, intitulada *Podres Poderes*,<sup>12</sup> foi publicada na edição, de número 148, de setembro de 2006. Aqui, o mesmo jornalista que é responsável pelas reportagens do Jornalismo Gonzo da revista *Trip*, Arthur Veríssimo, se traveste de lixeiro, às vésperas da eleição presidencial do primeiro turno, e vai até Brasília investigar o que se esconde no lixo dos ministérios do poder.

A opção por matérias de temas distintos se justifica porque, além da possibilidade de aclarar pelo contraste, de unir pelos opostos, leva-nos a investigar se há, de fato, confluências estilísticas que permitam caracterizar o texto do Jornalismo

---

<sup>11</sup> VERÍSSIMO, Arthur. *Hey! Arthur*. *Trip*, Trip Editora, ano 18, n. 139, nov. 2005.

<sup>12</sup> VERÍSSIMO, Arthur. *Podres poderes*. *Trip*, Trip Editora, ano 19, n. 148, p. 130-134, set. 2006.

Gonzo como um “gênero”. Os temas, polêmicos, também permitem verificar em que medida esse jornalismo marginal e tão pouco levado a sério pela academia consegue (ou não) abordar temas complexos e filosóficos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, o caminho escolhido foi a reflexão sobre o processamento dos gêneros do discurso e suas especificidades, notadamente o Jornalismo Gonzo, visto a partir do referencial teórico da análise do discurso de linha francesa. Os objetivos específicos deste trabalho são:

Excluído:

1. definir as estratégias da análise do discurso e conceituar os gêneros do discurso;
2. explicitar as características das novas formas de jornalismo: o Jornalismo Literário, o *New Journalism* e o Jornalismo Gonzo;
3. discorrer sobre a importância do suporte na análise de um determinado gênero;
4. analisar o corpus selecionado a partir de duas categorias: os elementos lingüísticos e os aspectos discursivos.

Cada um desses objetivos descritos merecerá um capítulo neste trabalho. Para começar, no **capítulo 1**, será traçada uma perspectiva diacrônica, que aborda os aspectos históricos do desenvolvimento da lingüística textual até a análise do discurso.

No **capítulo 2**, exploram-se os conceitos de suporte e apresenta-se uma perspectiva histórica da revista no Brasil e no mundo, visto que esse meio de comunicação é o suporte no qual estão inseridas as reportagens do Jornalismo Gonzo.

No **capítulo 3**, serão caracterizados os três gêneros do discurso jornalístico: o Jornalismo Literário e o *New Journalism*, que inspiraram o surgimento do terceiro gênero, o Jornalismo Gonzo, que será o foco desta dissertação. Ao abordar o Jornalismo Literário, a pesquisa irá apresentar desde a influência da literatura no

desenvolvimento do jornalismo, os conceitos desse gênero, até alguns veículos de comunicação que utilizam amplamente essa narrativa. Quanto ao *New Journalism*, além de apresentar seus conceitos e surgimento, será mostrado como ele influenciou os veículos de comunicação do Brasil. Por último, serão descritas as principais características do Jornalismo Gonzo e sua atuação na imprensa.

No **capítulo 4**, será apresentada a análise do corpus fundamentada no objetivo geral e nos específicos. Após as análises, seguem a conclusão, a bibliografia e os anexos.

Se o homem existe na e pela linguagem, ela não pode ser tomada jamais de maneira estanque. O estudo dos gêneros textuais implica uma interdisciplinaridade. Por isso, caminha-se aqui pela história do jornalismo, da própria lingüística, em muitas veredas em busca do conhecimento.

## I – O gênero

*“De onde vêm os gêneros? Pois bem,  
vêm simplesmente de outros gêneros.”*

*(Tzvetan Todorov)<sup>13</sup>*

Apesar dos riscos iminentes de simplificações e reducionismos ao se tentar traçar um percurso histórico da lingüística textual, esse retrospecto se reafirma na necessidade de fundamentar os caminhos para a análise das reportagens. Este capítulo, portanto, busca identificar os períodos mais importantes do desenvolvimento da lingüística textual. O trajeto parte necessariamente do fundador, o lingüista

Ferdinand de Saussure no clássico *Cours de linguistique générale* (1916), passando por correntes estruturalistas, notadamente as francesas, até a contribuição de lingüistas contemporâneos americanos, como Noam Chomsky. A análise automática do discurso, de Michel Pêcheux, e a contribuição de filósofos como Michel Foucault, no tocante à formação discursiva e às ordens de discurso, se revelaram também instigantes e necessárias. Para o fechamento do capítulo, serão abordadas as importantes concepções do pensador russo Mikhail Bakhtin, um dos mais importantes do século XX, acerca da análise do discurso.

Perfilam-se, assim, diferentes períodos, filosofias e escolas. O ponto em comum, entre elas, é observar a diferente contribuição desses estudiosos para definir discurso, texto e contexto.

## 1.1 – Da língua ao discurso: história e construção

O *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand Saussure, publicado originalmente em 1916, é considerado o marco inicial da lingüística estrutural na Europa.<sup>14</sup> O texto teria uma importância incalculável na história da lingüística. Em linhas gerais, os principais pontos do pensamento saussuriano são: a distinção entre sincronia e diacronia; entre *langue* e *parole*; a noção de língua como um sistema de signos e a noção de entidade lingüística não positiva, mas fundamentalmente diferencial e negativa.

---

<sup>13</sup> TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad. Ana Mafalda Leite. São Paulo: Edições 70, 1978. p. 48.

<sup>14</sup> Parece haver consenso quanto a isso. O crédito é dado, entre outros, por exemplo, por: LEPSCHY, Giulio C. *A lingüística estrutural*. Trad. Nites Therezinha Feres. São Paulo: Edusp, 1971. p. 28.

Edward Lopes em *A Identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa* (1997) apresenta uma releitura desses pressupostos. Porém, sob uma postura pós-estruturalista, já que, para o lingüista, o entendimento, a compreensão e a interpretação se dão a partir da produção de sentido do receptor e a partir do momento de quem produz.

O estruturalismo de Saussure pode ser resumido em duas dicotomias básicas: a língua (*langue*) “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de

convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1969, p. 17); e fala (*parole*) é um ato individual, resultante das combinações feitas pelo falante, que utiliza o código da língua. A outra dicotomia apregoada por Saussure concerne à sincronia e à diacronia – fundamentada na oposição social e individual.

Segundo Saussure, a língua é um sistema de signos. Para ele, língua é forma e não substância. O que é fato da língua está no campo social; o que é ato da fala situa-se na esfera individual. Já o estudo sincrônico e o diacrônico não se excluem; ao contrário, se complementam. Saussure deixou de se preocupar com o processo pelo quais as línguas se modificam e começou a estudar o modo como elas funcionam. Ele priorizou, portanto, o estudo sincrônico, que se tornou o ponto de partida para a lingüística geral e o chamado método estruturalista de análise da língua.

Saussure entendia a palavra como sendo um signo, já que formado por conceito e som (o significado e o significante). Foi assim que ele deu os primeiros passos para a emergência de uma ciência dos sinais e dos sistemas de sinais que ele nomeou como “semiologia”. Mais tarde, nos Estados Unidos, Pierce batizou-a de semiótica. Seguem, ainda, nas dicotomias saussurianas, a arbitrariedade/linearidade, sintagma/paradigma e a noção de valor.

Noam Chomsky, ao contrário de Saussure, não analisa a linguagem como fruto de um meio coletivo. Em oposição aos estruturalistas, para o lingüista americano, a linguagem é, sobretudo, tida como um meio para exprimir pensamentos e não um sistema social de comunicação. O aspecto criativo da linguagem volta em primeiro plano com Chomsky. Para ele, saber uma língua pressupõe poder reproduzir e conhecer frases que, com toda a probabilidade, não



foram jamais usadas anteriormente. Trata-se da questão da competência lingüística, por ele introduzida no debate.

Para Chomsky, professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), competência é o domínio e a habilidade de se desenvolver processos mentais. Os estudos relacionados á competência estão ligados à psicologia cognitiva, diferentemente do que propôs Saussure na psicologia social. Para Chomsky, a competência é universal: uma criança nasce com a capacidade de falar e não existe uma língua programada; ela falará o idioma do meio em que estiver inserida.

Em 1957, Chomsky publicou o livro *Syntactic structures*. Nessa obra e em publicações posteriores, ele desenvolveu o conceito de uma gramática gerativa transformacional. Instaurou-se, assim, um divisor de águas da lingüística do século XX. A conceituação de gramática dada por Chomsky abrange tanto a semântica e fonologia quanto a sintaxe. Em sua definição: “considerarei uma linguagem como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (CHOMSKY, 1957, p. 13). Trata-se, assim, de uma criatividade determinista da linguagem, já que é esclarecida com um modelo que responde a regras estruturais.

Com efeito, toda língua natural possui um número finito de sons (forma falada) e de sinais gráficos (forma escrita). Mesmo que sejam em número infinitos as sentenças distintas da língua, cada uma delas pode ser representada como uma seqüência finita de sons, sinais gráficos ou letras. O estruturalismo, inspirado no *Curso de Lingüística Geral* de Saussure, nunca considerou o falante como um elemento importante. O objeto de estudo dos estruturalistas sempre foi a língua por ela mesma. A intenção era

Excluído:

a de descrever os diversos sistemas lingüísticos, independentemente das condições de produção, ou até mesmo dos falantes que deles faziam uso.

O surgimento da gramática gerativa transformacional, proposta por Chomsky, revolucionou o meio lingüístico porque transferiu a atenção dos estudiosos do objeto pronto, como no estruturalismo, para o processo essencial de produção.

Por outro lado, a gramática gerativa, como a concebeu Chomsky, desprezava o sujeito no processo. Além disso, limitava-se à sentença complexa e, como se sabe, da mesma forma que as pessoas não se comunicam apenas pela palavra, elas também não se comunicam por meio de sentenças. Entendemos que na comunicação humana é preciso considerar unidades maiores que, mesmo formadas por palavras e sentenças, operam pelo estabelecimento de relações entre elas.

A análise dessas unidades maiores — enunciados, discursos e textos — não pode ficar limitada à morfossintaxe, porque muito da significação está além desses limites, determinada por fatores extralingüísticos. Os dêiticos e os anafóricos são exemplos disso.

Na década de 60, surgiram vários trabalhos que tentaram abordar o estudo da linguagem de maneira mais abrangente na área da pragmática, entre os quais se destacam as pesquisas de Oswald Ducrot. A partir dessa década, a lingüística textual preocupou-se em estudar o texto não apenas com seus elementos constitutivos, mas em seu todo. É importante considerarmos ainda um percurso histórico, porém não se trata de uma distinção de ordem cronológica, mas sim de caráter tipológico, pelo qual passou a lingüística textual. O primeiro momento é o da análise transfrástica, seguido pelas gramáticas textuais e, por último, a construção das teorias do texto. Isto é, a lingüística textual passou da teoria da frase à teoria de texto (KOCH, 2000, p.13).

Excluído:

A análise transfrástica tem como principal objetivo estudar os tipos de relação possíveis entre os mais diversos enunciados que compõem uma seqüência narrativa, o que transcende, portanto, os limites do enunciado. Entre essas relações estão as referenciais e a correferência, considerada um dos principais fatores de coesão textual.

A gramática textual tem como principal finalidade refletir sobre fenômenos lingüísticos ainda sem uma explicação, por meio de uma gramática de enunciado. A produção de um texto se dá além de uma simples ordenação de enunciados. Sua compreensão decorre de uma competência exclusiva do falante – a competência textual – que, por sua vez, se distingue da competência frasal ou lingüística. Isto é, é inerente a todo falante de uma determinada língua a capacidade de parafrasear um texto, resumi-lo, identificar se está completo ou não ou ainda atribuir-lhe um título ou, ao contrário, produzir um texto a partir de um título. Considera-se aqui relevante enfatizar que essas habilidades descritas justificaram a construção de uma gramática textual. Esta possui como tarefas básicas: determinar os princípios de constituição de um texto, os fatores responsáveis pela sua coerência e as condições em que se manifesta a textualidade; levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma das características essenciais; e, por último, diferenciar as várias espécies de texto.

A construção das teorias do texto estuda a importância do tratamento dos mesmos nos seus contextos de realização. O processo leva em conta as condições externas ao texto, pois permite ao ouvinte a interpretação não apenas do significado literal, mas a intencionalidade do locutor e a situação em que o determinado texto foi produzido. A pragmática estuda a língua como um processo que ocorre, fundamentalmente, em três dimensões integradas, a saber:

Excluído:

A sintaxe, que diz respeito às relações dos signos com outros signos; a semântica, que trata das relações dos signos com a realidade; a pragmática, que se interessa pelas relações dos signos com seus usuários, pelo seu uso e pelos seus efeitos. De uma maneira mais geral, quando se fala hoje em componente pragmático ou quando se diz que um fenômeno está submetido a “fatores pragmáticos”, designa-se com isso o componente que trata do processo de interpretação dos enunciados em contexto. (MAINGUENEAU, 2004, p. 394)

De modo geral, pode-se considerar que o desenvolvimento da lingüística textual passou por estágios restritivos, com enfoque, principalmente, na teoria gerativa, conforme abordamos anteriormente. Porém, atualmente nota-se que a lingüística textual vem percorrendo caminhos cada vez mais amplos e interdisciplinares, que apontam para um caráter interacional.

A análise do discurso (AD) é um dos campos de pesquisa que mais vem se desenvolvendo desde os anos de 1960. Existem duas vertentes de AD. A anglo-americana, que teve origem na Inglaterra, mas consolidou-se nos Estados Unidos, incorporando elementos da sociologia, da psicologia e da etnografia; e a de linha francesa, da qual extraímos subsídios para o nosso trabalho e cujos nomes mais influentes são, dentre outros, os pensadores Michel Foucault e Michel Pêcheux.

Pêcheux lançou as formulações da análise automática do discurso, ao mostrar uma nova maneira de se encarar a linguagem humana, em que o objeto de estudo deixou de estar centrado na fala, na escrita ou no texto, para recair nas condições, na situação, no momento de produção. Tal percurso inverteu a linha de raciocínio a respeito do processo de produção.

Michel Foucault tem vastos e densos trabalhos filosóficos. Por esse motivo, a intenção é delimitar suas contribuições apenas à análise do discurso. Dele interessa a este trabalho os conceitos de formação discursiva. Foucault concebe os discursos como sendo uma dispersão, ou seja, eles são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade a priori. Cabe à análise do discurso criar regras de formação que possibilitariam a passagem de dispersão para a regularidade, atingida pela análise dos enunciados que constituem a formação discursiva. Assim, para o autor, “sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temática, teremos uma formação discursiva”. (FOUCAULT, 1997, p. 43). As regras que determinam uma formação discursiva apresentam-se como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. São todos esses elementos que caracterizam a formação discursiva e que possibilitam a passagem da dispersão para a regularidade. Como esse tema demandaria um trabalho específico e foge do foco desta dissertação, não nos prolongaremos nessas explicações.

Porém, vale ainda destacar neste capítulo, que tenta fazer uma breve perspectiva histórica do discurso, a importância do pensador russo Mikhail Bakhtin. Uma das grandes contribuições de Bakhtin ao pensamento lingüístico contemporâneo, entre outras não menos importantes, está a sua crítica às duas concepções de língua e de linguagem. A primeira trata do subjetivismo idealista – percepção de língua como uma atividade mental em que o psiquismo individual constitui a fonte principal. A segunda, dirigida a Saussure e ao estruturalismo, é o objetivismo abstrato – a concepção da língua como um sistema de regras passíveis de descrição. Toda a obra

de Bakhtin se apresenta sob o signo da pluralidade. Ele travou diálogos com os principais movimentos e pensadores do seu tempo, opõe-se a eles, ainda que profundamente radicado neles.

Pode-se afirmar, contudo, que há uma grande diferença entre o impulso essencialmente mecanicista ou mentalista do estruturalismo proposto por Saussure, e a predileção mais orgânica de Bakhtin. Como notam com percuciência Katerina Clark e Michael Holquist em obra dedicada ao pensador russo, a ênfase dada por Bakhtin à relação e à conseqüente importância da distinção *in praesentia/in absentia* têm paralelo nos moldes estruturalistas da lingüística pós-saussuriana ou da teoria literária. Porém, Bakhtin dialoga preferencialmente com os opostos:

A atuação, a história, a realidade em ato (*actuality*) e a abertura de diálogo são por ele acentuadas como contrapostas à dialética fechada das oposições binárias estruturalistas. Bakhtin realiza o enorme salto entre o pensamento dialético, ou partitivo, que continua sendo presumidamente a norma universal, e o pensamento dialógico ou relacional. (CLARK, HOLQUIST, 1998, p. 34-35)

Bakhtin concorda com Saussure quando ele diz que a língua é um fato social, mas dele também se distancia ao apresentar o conceito de que a língua é um objeto abstrato ideal. De acordo com os pressupostos do teórico russo, especialmente em obras como *O marxismo e a filosofia da linguagem* e *A imaginação dialógica*, a importância recai sobre o diálogo. Para ele, só existe língua onde há possibilidade de interação social.

Para Bakhtin, a linguagem é um produto da interação social e a palavra, um poderoso signo ideológico. Nessa mesma linha, Dominique Maingueneau, um outro

importante estudioso da análise do discurso, chama a atenção para as relações de ação/reação provocadas pelo discurso. Segundo Maingueneau:

O discurso é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo. A problemática dos “atos de linguagem” (ou “atos de fala”, ou ainda “atos de discurso”), desenvolvida a partir dos anos 60 por filósofos como J.L. Austin mostrou que toda enunciação constitui um ato que visa modificar uma situação. Em um nível superior, esses atos elementares se integram em discursos de um gênero determinado que visam produzir uma modificação nos destinatários. (MAINGUENEAU, 2002, p. 53)

A partir desses pressupostos, a análise do discurso re-significa a noção de ideologia, que passa a ser entendida não como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas sim como mecanismo estruturante do processo de significação.

Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui como sujeito”. Daí a necessidade de uma teoria materialista do discurso – uma teoria não subjetiva da subjetividade – em que se possa trabalhar esse efeito de evidências dos sujeitos e também dos sentidos. (ORLANDI, 2002, p. 46)

Antes, porém, de finalizarmos este percurso, entendemos como apropriado reproduzir uma afirmação de Maingueneau sobre a AD. Diz ele acerca da relação texto/contexto:

Julgamos preferível especificar a análise do discurso como a disciplina que, em vez de proceder a uma análise lingüística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu “contexto”, visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social. Ela está, portanto, em relação com os gêneros do discurso trabalhados nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...) ou nos campos discursivos (político, científico). (MAINGUENEAU, 1998, p. 13)

A análise de gênero enfatiza a importância da linguagem na produção do conhecimento. Ela focaliza o texto a partir de uma unidade de linguagem social e historicamente construída, conforme definiu Bakhtin (1986, p. 76). Sob esse prisma, o conceito de gênero pressupõe uma interconexão entre fatores textuais (da linguagem) e fatores contextuais (das relações sociais envolvidas). Mas antes disso, é preciso resolver um outra questão: definir gênero.



## 1.2 - Gêneros do discurso: desvendando os termos

A preocupação em reunir os textos sob uma tipologia perde-se na poeira dos tempos. Já na literatura clássica, Aristóteles e Platão apontaram três formas genéricas fundamentais: o lírico, o épico e o dramático. Em Platão, o modo de enunciação era fundamental. Ao lírico pertenceriam as obras em que fala apenas o autor; ao épico, àquelas em que autores e personagens têm direito à voz e, ao dramático, associam-se obras em que os personagens falam. Para Aristóteles, além da enunciação, era preciso propor subdivisões em função da intenção e da atitude. Nasceram outros gêneros como ditirambo, epopéia, tragédia e comédia.

Aprisionar os textos a regras e modelos rígidos significaria deixar de lado a criatividade e, por conseguinte, o sentido último dos textos. Para Todorov, os gêneros não desaparecem, eles são substituídos por outros:

(...) um gênero surge de outros gêneros, um gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos, por inversão, por deslocamento, por combinação. Um “texto” de hoje (também isso é um gênero num de seus sentidos) deve tanto à “poesia” quanto ao romance do século 19, do mesmo modo que a “comédia lacrimajante” combinava elementos da comédia e da tragédia do século precedente (ênfase no original). (TODOROV, 1980, p. 46)

Parte-se aqui do pressuposto de que a atividade humana, em todas as suas mais diversas formas de atuação e (inter)ação, está intrinsecamente ligada ao uso da linguagem, na medida em que pode recorrer a enunciados orais e escritos. Tais enunciados, de acordo com o lingüista russo Mikhail Bakhtin, refletem uma dada condição e suas finalidades. São três os elementos principais que fundamentam o gênero a que pertencem determinados enunciados. Eles estão ligados no seu todo, mas mantêm sua particularidade e determinam, de forma igualitária, pela especificidade de um campo da comunicação humana. São eles: conteúdo temático; plano composicional e estilo.

Excluído: u

O conteúdo temático diz respeito à abordagem dos objetivos que passam pelo processo de valoração de um determinado campo, num dado tempo e contexto; a construção composicional concerne à conjunção e ao arranjo no qual o conteúdo temático e as formas de discurso da organização textuais se apresentam; e o estilo está relacionado à seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais que são fundamentais para compor o gênero. Dessa forma, Mikhail Bakhtin denomina gêneros do discurso os tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados em cada campo de utilização da língua.

Excluído: s

Excluído: is

Portanto, todos os enunciados orais e escritos que atendam a um propósito comunicativo podem ser entendidos como gênero do discurso. Não apenas os textos literários são agrupados nessa categoria, e sim todo e qualquer texto que apresente uma função sociocomunicativa dentro de uma determinada sociedade.

Como os gêneros são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida social, aos seus avanços e às suas contradições de diversas ordens, sofrem influências diretas e irrestritas da cultura na qual estão inseridos, na medida em que ampliam o

seu repertório, diferenciam-se, imbricam-se com outros já existentes, criam-se e recriam-se no cotidiano da atividade humana. Isso ocorre e se desenvolve por conta das interfaces entre os interlocutores, pelos ajustes socioculturais necessários na relação de comunicação. Comprovamos tal aspecto quando nos deparamos com a quantidade de gêneros existentes na atualidade, comparativamente aos de momentos históricos anteriores à comunicação escrita, por exemplo.

Analisando o romance do século XIX, Bakhtin, em 1929 na obra *A poética de Dostoiévski*, detectou um novo tipo de discurso, que chamou de dialogismo. O pensador russo mostrou que, em romances como o de Dostoiévski, não há mais uma voz unificadora, mas uma polifonia, uma pluralidade de vozes. Há, assim, um diálogo interno na obra e um diálogo da obra com outras obras.

Amplificando as propostas de Bakhtin, Julia Kristeva concebeu a teoria da intertextualidade. Segundo ela, “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de textos; ele é uma escritura-réplica (função e negação) de outro (dos outros) texto(s)” (KRISTEVA, 1969). O objetivo é examinar de que modo ocorre essa produção do novo texto, por meio de processos de apropriação, absorção e integração de elementos alheios na criação da obra nova. As “influências” não se reduzem a um fenômeno de simples recepção passiva, mas são um confronto positivo com o outro. Trata-se de um vasto sistema de trocas.

Faz-se necessário complementar tal afirmação reiterando que os gêneros não desaparecem. Eles provêm de outros, pois um novo gênero é sempre herdeiro de outro preexistente. Eles se transformam por inversão, deslocamento ou combinação.

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. As formas de gênero, nas quais

moldamos o nosso discurso, diferem substancialmente, é claro, das formas da língua no sentido da sua estabilidade e da sua coerção (normatividade) para o falante. Em linhas gerais, elas são bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua. Também nesse sentido a diversidade dos gêneros do discurso é muito grande. (BAKHTIN, 2003, p. 283)

As novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, impulsionam o surgimento de novos gêneros. Porém, não são apenas as tecnologias as responsáveis por essa aceleração, e sim a intensidade do uso delas, principalmente, suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Os gêneros não são estanques, pelo contrário, têm como características essenciais a maleabilidade, o dinamismo e a plasticidade às mais diversas realidades socioculturais nas quais foram manifestados. Eles nem sempre se realizam da mesma forma ou obtêm denominações unívocas de região para região e, assim como surgem, podem desaparecer.

O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a vida de um gênero. (...) O gênero vive do presente, mas sempre *recorda* o seu passado, o seu começo. É o representante da memória criativa no processo de desenvolvimento literário. É precisamente por isto que tem a capacidade de assegurar a *unidade e a continuidade* desse desenvolvimento. (BAKHTIN, 1997, p. 106)

É importante ressaltar que a competência comunicativa em lidar com os gêneros é partilhada pelos membros de uma determinada comunidade, o que assegura a

possibilidade de comunicação verbal, denominada por Dominique Maingueneau como competência genérica.

Mesmo não dominando certos gêneros, somos geralmente capazes de identificá-los e de ter um comportamento adequado em relação a eles. Cada enunciado possui um certo estatuto genérico, e é baseando-nos nesse estatuto que com ele lidamos: é a partir do momento em que identificamos um enunciado como um cartaz publicitário, um sermão, um curso de língua, etc., que podemos adotar em relação a ele a atitude que convém. (...) A maior parte dos membros de uma sociedade é capaz de *produzir* enunciados no âmbito de um certo número de gêneros de discurso (...) Mas nem todo mundo sabe redigir uma dissertação filosófica, uma defesa a ser apresentada junto a uma jurisdição administrativa. (MAINGUENEAU, 2002, p. 44)

Alguns autores empregam indistintamente os termos gênero e tipo de discurso. Não é a nossa opção neste trabalho. Seguindo a tendência dominante entre os autores citados nesta dissertação, procuraremos distinguir os termos. Para isso, iremos nos utilizar da distinção proposta por Dominique Maingueneau (2002, p. 61): “os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social”.

Portanto, enquanto os “tipos” textuais são facilmente contáveis, os “gêneros” não o são. É impraticável pensarmos numa classificação geral e totalitária dos gêneros. Catalogar significa tarefa árdua e com bases teóricas frágeis. Os gêneros estão situados num âmbito maior; já os tipos são considerados desdobramento do gênero. Por exemplo, a narrativa é um gênero: narrativa; já o conto, a novela e o romance seriam tipos.

A heterogeneidade e a complexidade dos gêneros estão ligadas à riqueza e à diversidade em que eles se apresentam nas mais variadas esferas das atividades humanas. Os gêneros vão se diversificando e tornando-se ainda mais complexos à medida que a própria esfera dessas atividades se amplia e se complexifica.

Bakhtin distingue os gêneros em primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros primários, predominantemente orais, se referem à comunicação discursiva espontânea, que ocorre no âmbito privado, em situações imediatas de produção. Têm uma estreita relação com o contexto em que ocorrem. Eles se constituem, em sua maioria, de tipos de diálogo, situações de interação face a face etc.

Já os gêneros secundários são relacionados a outras esferas públicas e mais complexas de interação social. Tal concepção de gênero bakhtiniana não é estática. Ela está sujeita a mudanças, transformações sociais, novos procedimentos e organizações e a modificações do lugar do ouvinte. E, ainda, absorve e transforma historicamente os gêneros primários. Os gêneros secundários são geralmente produzidos em forma escrita e, ao contrário dos primários, se distanciam do imediatismo e da produção cotidiana. Referindo-se, portanto, a uma esfera de dimensão cultural mais complexa, como os romances, dramas, pesquisas científicas, entre outros.

Se um texto só ocorre no ponto de convergência de diferentes gêneros, como defini-lo? Para Bakhtin, pensador fundamental para se analisar a questão dos gêneros, toda manifestação lingüística se dá em um discurso. Na prática, porém, todo gênero se realiza em um texto. Por isso, aproximaremos neste trabalho, em diversos momentos, texto de discurso. O lingüista romeno Eugenio Coseriu faz equivalerem sistematicamente os termos (COSERIU, 1977, p. 125). Elisa

Guimarães, em seu fundamental *A articulação do texto*, também utiliza indistintamente texto e discurso (GUIMARÃES, 2003, p. 15). Esta será a nossa opção em vários momentos deste trabalho.

Ao introduzir-se a palavra texto, remete-se necessariamente para a materialidade do escrito. Dominique Maingueneau, um dos principais estudiosos da análise do discurso, aproxima texto de discurso em seu didático *Termos-chave da análise do discurso* (1998). Mas os distancia no seguinte ponto: “falando de discurso, articulamos o enunciado em uma situação de enunciação singular; falando de texto, destacamos o que lhe dá sua unidade, que faz dele uma totalidade e não uma simples seqüência de frases” (MAINGUENEAU, 1998, p. 142).

Já o conceito de formação discursiva, muito utilizado pela escola francesa de análise do discurso, teve na sua base de criação o pensamento de Michel Foucault. O filósofo assim o definiu:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1996, p. 43)

Antes de finalizarmos a abordagem sobre os gêneros, consideramos importante salientar que os gêneros não são estruturas rígidas, pois não podemos defini-los de forma inequívoca a partir de traços necessários e suficientes. Assim, por exemplo, é

possível escrever um artigo de opinião em forma de poema, com rimas, métrica e ritmo, e esse continuar a ser um texto jornalístico. É necessário compreender os gêneros como fenômenos culturais sujeitos à inovação. A caracterização de um gênero pode ser feita por sua forma, por sua função, pelo suporte (papel ou tela de computador), como veremos mais à frente, e até mesmo pelo ambiente em que a ação social se concretiza em linguagem.

No capítulo seguinte, abordaremos os conceitos de suporte, bem como uma perspectiva histórica da revista, considerada, neste trabalho, como suporte fundamental dos textos do Jornalismo Gonzo. Descreveremos seu percurso desde o surgimento, desenvolvimento e evolução no Brasil, passando pela segmentação, sem perder de vista o panorama internacional. O capítulo será finalizado com informações da revista *Trip*, na qual são publicadas as reportagens do Jornalismo Gonzo que iremos analisar.



## II - O suporte

*“O centro vivo de um texto será sempre um  
complexo de imagens e um sentimento que o  
anima.”*

*(Benedetto Croce)*

Se buscarmos uma concepção de suporte nos dicionários de Língua Portuguesa, encontraremos tanto no *Dicionário Aurélio* como no *Houaiss* definições análogas. O Houaiss traz em uma de suas acepções ligadas à rubrica “documentação” a seguinte definição: “base física (de qualquer material, como papel, plástico, madeira, tecido, filme, fita magnética etc.) na qual se registram informações impressas, manuscritas, fotografadas, gravadas etc.”. Já o *Dicionário Aurélio* apresenta suporte como sendo “aquilo que suporta ou sustenta alguma coisa; aquilo em que algo se firma ou assenta; material que serve de base para a aplicação de tinta, esmalte, verniz, etc.; material (papiro, pergaminho, papel, pedra, vinil, disco magnético, película fotográfica, etc.) capaz de receber e conservar a inscrição de um texto”.

As definições empíricas encontradas nos dicionários pesquisados ainda não nos são suficientes para o embasamento deste trabalho, por considerarmos importante a manifestação material dos discursos, assim como o seu modo de difusão (MAINGUENEAU, 2002).

Dessa forma, se fizermos uma retrospectiva histórica, veremos que os suportes têm variado da Antigüidade aos dias atuais. Estiveram nos interiores das cavernas, nas tabuletas, pergaminho, chegando ao papel, ao outdoor, para entrar no ambiente

virtual da internet. Apesar disso, o suporte, como meio de transmissão do discurso, era considerado algo irrelevante para a análise de um determinado gênero do discurso, fosse ele oral ou escrito. Nos estudos contemporâneos de AD, o suporte deixou de ser meramente um acessório para ter um papel fundamental: “o mídiuim não é um simples meio, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante no mídiuim modifica o conjunto de um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2002, p. 71). Foi a partir da evolução dos meios audiovisuais e dos recursos tecnológicos, que se alteraram velozmente, que foi dada essa nova dimensão à análise. Dominique Maingueneau ainda reforça que não basta considerarmos o suporte material no sentido estrito, faz-se necessária uma análise ainda mais ampla, considerando o conjunto de variáveis em que se processa a fala.

**[SGON2] Comentário:** Há as duas formas: Internet ou internet. Não se trata de um substantivo próprio, particularmente prefiro caixa baixa.

Um outro estudioso neste assunto, Luiz Antônio Marcuschi, professor de Lingüística da Universidade Federal de Pernambuco e doutor em filosofia da linguagem pela Universidade de Erlangen (Nuremberg, Alemanha), também apresenta importantes contribuições acerca do tema. Para ele, o suporte pode ser dividido em três principais aspectos (2003):

1) É um lugar físico ou virtual (no caso do suporte representado pela internet), cuja materialidade não pode ser prescindida;

2) Possui formato específico e, portanto, comunicativamente produzido para portar textos e ou discursos. Admite-se, ainda, que os suportes não são informes e nem uniformes e que sempre aparecem em algum formato, como, por exemplo, um livro, jornal, outdoor, revista etc.;

3) Serve para fixar o texto ou discurso, tornando-o acessível para a comunicação.

Vale ressaltar também no pensamento de Marcuschi que, segundo ele, não é possível equacionar todas as questões relativas ao suporte de gêneros do discurso oral. Porém, o teórico argumenta que, em alguns casos, “os próprios eventos são os suportes, por exemplo, um congresso acadêmico seria o suporte de conferências e comunicações orais e a mesa-redonda seria o suporte de exposições temáticas. No entanto, seguramente não podemos tomar o disco de vinil, o CD-ROM, a fita cassete, as gravações em geral como suportes de gêneros orais. Estes são locais de armazenamento ou meios de transporte e o acesso às falas não é direto” (MARCUSCHI, 2003. p. 2).

Partindo desse pressuposto, discorreremos a seguir sobre o suporte no qual está inserido o corpus que será analisado: a revista. Entendemos, portanto, que todo o gênero tem um suporte. No nosso trabalho, o suporte utilizado para o gênero do discurso do Jornalismo Gonzo é a revista, cuja perspectiva histórica e influências para o desenvolvimento desse gênero veremos ainda neste capítulo.

## 2.1 - Revista e gêneros do discurso jornalístico: sintonia

Reiterando a importância do suporte na análise de um determinado gênero do discurso, apresentaremos a seguir um breve panorama da história da revista no Brasil e no mundo — desde o seu surgimento até sua versão pela internet. Consideramos importante a abordagem desse cenário, até porque grande parte das reportagens do Jornalismo Literário, *New Journalism* e, principalmente, do Jornalismo Gonzo encontraram nesse veículo de comunicação a possibilidade de colocar em prática, muitas vezes pela primeira vez, um novo gênero do discurso jornalístico. Isso se deu, em muitos casos, por conta da periodicidade da revista: semanal ou mensal, em sua maioria. Esse intervalo entre uma edição e outra dava ao jornalista mais tempo para que ele pudesse se dedicar à realização de reportagens, que, muitas vezes, exigiam maior dedicação e envolvimento nas situações ou fatos a serem narrados. Algumas revistas foram consideradas importantes historicamente por romper com a linha editorial comumente empregada e apresentar ao leitor novas possibilidades de se fazer jornalismo. Entre elas, podemos destacar a *New York Herald Tribune*, uma das precursoras na publicação de reportagens do *New Journalism*, de Tom Wolfe; *The New Yorker*, que publicou também, dos representantes do *New Journalism*, a reportagem de Truman Capote, *A sangue frio*, que mais tarde se tornaria um livro-reportagem; *Rolling Stone*, *San Francisco Chronicle*, *Esquire* e *Vanity Fair*, pela inserção de reportagens do

Jornalismo Gonzo, em um processo capitaneado pelo jornalista Hunter S.Thompson. No Brasil, podemos destacar a revista *Realidade*, considerada um divisor de águas na imprensa nacional. Ela foi responsável pela publicação de diversas reportagens que traziam características do Jornalismo Literário e também do *New Journalism*; a revista *Trip*, que publica há 15 anos reportagens do Jornalismo Gonzo, entre outras. Todas essas revistas serão de alguma forma trazidas para o contexto deste trabalho, seja em forma de citação ou em abordagens mais detalhadas. Antes, porém, traçaremos um percurso histórico da evolução da revista, desde o seu surgimento até o perfil atual.

## 2.2 - Traçado histórico: a revista no mundo

A primeira edição de uma revista no mundo ocorreu em 1663, na Alemanha. Intitulada *Erbauliche Monaths-Unterredungen (Edificantes Discussões Mensais)*. O formato da publicação era similar ao de um livro. O conteúdo abordava um único tema, a teologia, porém, de forma mais detalhada que os jornais. Depois dessa publicação, surgiram outras pelo mundo. Em 1665, foi publicada na França a *Journal des Savants*. Em 1668, foi a vez de a Itália ter a sua primeira publicação: *Giornali dei Litterati*. Mais tarde, em 1680, surge na Inglaterra o *Mercurius Librarius* ou *Faithfull account of all Books and Pamphlets*.

Todas essas publicações abordavam importantes assuntos da época, com riqueza de detalhes e linguagem mais erudita. Mas foi só em 1703, em Londres, que o termo *revista* foi utilizado publicamente com a criação de *Weekly Review of the Affairs France*, por Daniel Defoe. O conteúdo, monotemático, era bastante parecido com o exemplar alemão, descrito anteriormente.

Vinte e oito anos depois, surgiu, também em Londres, a primeira publicação com conteúdo mais diversificado e notícias mais curtas, abordando assuntos como cultura, ciência e educação. Tratava-se da *The Gentlemen Magazine*. Foi dessa publicação que surgiu o termo *magazine*, que passou a servir para designar revistas em inglês e em francês. Um pouco mais tarde, surge a *Ladies Magazine*, que utiliza a mesma linha editorial, porém, para um público específico, o feminino. Registra-se nessa época, então, a primeira experiência de segmentação da revista. Essa estratégia será aperfeiçoada e desenvolvida de forma maciça a partir do século XIX, como mostraremos no decorrer deste trabalho.

Os primeiros títulos publicados nos Estados Unidos foram *American Magazine* e *General Magazine*, em 1741. Daí em diante, até o final do século XVIII, a proliferação de novos títulos eram constantes, as revistas se firmavam no mercado como mais uma opção para o leitor. Em 1842, em Londres, o lançamento da *Illustrated London News* marcou uma nova forma de editar revistas, que primava pelo requinte de detalhes de cada uma das páginas. Eram 16 páginas de texto e 32 de gravuras, que reproduziam os acontecimentos da época. A publicação, copiada em vários países, é editada até hoje.

A partir do século XIX, a revista ganhou status de um veículo de comunicação que veio para ficar e passou a ter um público definido, que crescia regularmente. Deu-se, então, o início do crescimento dessa mídia e o conseqüente desenvolvimento das indústrias gráficas, que ainda eram, em sua maioria, rudimentares e atendiam de forma precária.

Se traçarmos um paralelo entre o jornal e a revista, identificaremos que os jornais possuem, desde o seu surgimento, uma linha editorial mais ligada a questões

políticas e ideológicas. Já as revistas buscam caminhos alternativos e trazem, em seu conteúdo, assuntos complementares como educação, comportamento, ciência e cultura.

É importante destacar, ainda na história dessas publicações, a *Scientific American* e *National Geographic Magazine*, fundadas entre 1840 e 1890 e que sobrevivem até hoje. A revista *Time*, lançada em 1923, também merece destaque nesse cenário por inovar em sua linha editorial e por preocupar-se em levar semanalmente aos leitores notícias concisas de interesse geral, cujo principal objetivo era informar ao cidadão americano tudo o que acontecia de mais importante em seu país e no mundo. A publicação inspirou a produção de outros periódicos similares em todo o mundo. No Brasil, por exemplo, foi a base da revista *Veja*, em 1968, que abordaremos a seguir quando tratarmos da evolução das revistas no Brasil. Em 1945, na França, a publicação de *Elle* tornou-se um sucesso de vendas. Hoje, a revista tem sua fórmula licenciada em mais de 15 países. Em 1962, foi a vez de a *Cosmopolitan* se tornar a revista feminina de maior sucesso em todos os tempos. Hoje tem 48 edições, publicadas em 25 idiomas, espalhadas por todo o mundo. No Brasil, a publicação recebe o nome de *Nova*. Apesar de as mulheres consumirem mais revistas do que os homens, e por isso surgem a cada dia novos títulos para novos segmentos de público, não podemos deixar fora desse cenário a revista *Esquire* e a *Playboy*, lançada em 1953. A revista possui atualmente 18 edições internacionais licenciadas.

A seguir apresentaremos o desenvolvimento da revista no cenário brasileiro.

## 2.3 - De *Ensaaios de Literatura* a *Trip*: 200 anos em revista

No Brasil, a primeira revista editada foi em Salvador, na Bahia, em 1812, intitulada *As Variedades* ou *Ensaaios de Literatura*. No ano seguinte, no Rio de Janeiro, surge *O Patriota*. Também no Rio de Janeiro, em 1822, é publicado o primeiro exemplar de *Os Anais Fluminenses de Ciências, Arte e Literatura*. Em 1827, é lançado o *Propagador das Ciências Médicas*, a primeira revista com segmentação por tema no país e especializada, dedicada aos novos médicos, e ligada ao órgão da Academia de Medicina do Rio de Janeiro.

Também neste mesmo ano é lançada uma publicação dirigida às mulheres, intitulada *Espelho Diamantino*, com texto leve e didático que reportava assuntos de política a moda, passando por crônicas, anedotas e literatura. Todas essas publicações tinham baixa tiragem e, portanto, sobreviviam por pouco tempo. Esse cenário só é modificado a partir do lançamento, em 1837, do primeiro exemplar de o *Museu Universal*, que, além de textos de fácil compreensão pelo grande público, trazia como inovação as ilustrações. Essa fórmula era uma cópia dos magazines europeus e conseguiu rapidamente a identificação do leitor brasileiro. Em seguida, vieram *Gabinete da Leitura*, *Ostensor Brasileiro*, *Museu Pitoresco*, *Histórico e Literário*, *Ilustração Brasileira*, *O Brasil Ilustrado*, *Universo Ilustrado*, *Íris*, *Guanabara* e *O Espelho*.

Em 1849, as ilustrações e o humor apresentado em textos mais curtos fizeram parte de um novo movimento, o das revistas de variedades. *A Marmota* foi a primeira publicação do gênero no Brasil. Em seguida, é a vez de as caricaturas caírem nas graças do leitor e começarem a fazer parte do conteúdo das publicações. Destacamos, ainda, as revistas com histórias em quadrinhos, que foram publicadas inicialmente a



partir de 1905. A primeira delas foi *Tico-Tico*, que permaneceu por mais de 50 anos com grande sucesso entre as crianças brasileiras.

Foi no século XX que ocorreu o grande desenvolvimento e ampliação do espaço de atuação das revistas no país. Na década de 30, inaugurou-se um marco nesse tipo de publicação com o surgimento da revista *O Cruzeiro*, um dos maiores fenômenos editoriais do país, chegando a atingir a marca 700 mil exemplares vendidos por semana. A publicação, criada por Assis Chateaubriand, foi lançada em 1928 e teve sua última edição na década de 1970.

O foco da linha editorial, inédita no país até então, eram as grandes reportagens e o fotojornalismo, que tinha maior destaque na publicação. A primeira personalidade a aparecer em uma capa foi o rei Alberto da Bélgica e a primeira capa utilizando uma foto mostrava Santos Dumont, no número 5 da revista. A última edição foi em 1975. Geralmente as capas traziam modelos, atrizes e mulheres consideradas símbolos da beleza, segundo os padrões da época. Eram raras as capas dedicadas aos políticos. Entre os poucos que tiveram suas fotos estampadas nas capas estão Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, João Goulart e Jânio Quadros.

Em 1952, foi publicada a primeira edição de *Manchete*, de Adolph Bloch, já utilizando amplamente recursos fotográficos e a impressão colorida. A revista foi também responsável pelo lançamento de cronistas como Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, entre outros. A publicação permanece até o início da década de 1990.

Em 1966, em pleno regime Militar, chega às bancas a primeira edição da revista *Realidade*, da editora Abril. Diferentemente das antecessoras *O Cruzeiro* e *Manchete*, mais focadas em recursos ilustrativos do que em reportagens, essa

publicação inaugura uma nova forma de se fazer jornalismo no Brasil, como veremos mais à frente. É possível afirmar que *Realidade* foi a primeira publicação brasileira a utilizar alguns recursos do *New Journalism* em suas reportagens.

Dois anos mais tarde, em 1968, a mesma editora Abril lança a revista *Veja*, a mais vendida e mais lida do país até os dias atuais. São mais de 2 milhões de exemplares por semana. Seus textos são elaborados em sua maior parte por jornalistas, mas nem todas as seções são assinadas. A revista aborda temas que vão de economia a religião, passando por política, ecologia, cultura e comportamento, entre outros. Possui, ainda, seções fixas sobre cinema, literatura e música. A revista apresenta cotidianamente reportagens-denúncias. Entre algumas memoráveis, podemos destacar uma entrevista exclusiva com Pedro Collor de Mello, irmão do então presidente da República Fernando Collor de Mello. Nas Páginas Amarelas da revista, um pingue-pongue com celebridades, o entrevistado denunciava irregularidades de desvio de dinheiro público. Essa entrevista desencadeou uma série de novas denúncias e de investigações que culminou com o *impeachment* e a conseqüente renúncia do presidente da República.

A imprensa internacional considera a revista como referência mundial para assuntos brasileiros. No mundo, *Veja* ocupa a quarta posição entre as revistas de informação mais vendidas, perdendo apenas para *Time*, *Newsweek*, *US News & World Report*. Após a consolidação da revista *Veja*, as publicações no Brasil ganham cada vez mais força e reconhecimento do leitor.

Com a solidificação desse mercado, surgiu também a segmentação por público. Temos, hoje, como citamos anteriormente, algumas que foram as precursoras dessa proposta mercadológica, revistas com conteúdo para os mais

diferentes públicos: adolescentes, donas-de-casa, estudantes, homens, mulheres, homossexuais, dentre outros. Há, no mercado, revistas cujo conteúdo apresentado aborda assuntos que vão de culinária a negócios, de cultura a bastidores de telenovelas, de horóscopo a ciência, de comunidades evangélicas a candomblé, de sexo a jardinagem. Essa segmentação pode alcançar públicos ainda mais específicos como, por exemplo, mulheres que querem aprender a fazer enfeites para festas infantis ou donos de animais de estimação que moram em apartamentos.

Atualmente, os Estados Unidos são os recordistas de publicações. Por ano, são editados mais de 6 bilhões de exemplares. No Brasil, são comercializados, por ano, cerca de 600 milhões de exemplares.

No que diz respeito a sua materialidade física, a revista ganhou uma versão eletrônica, inserindo-se na internet, meio no qual atinge, a cada dia, mais visibilidade entre os leitores.

Como não temos a intenção de nomear ou classificar todas as publicações, mas apenas traçarmos um panorama evolutivo da história da revista, não nos preocupamos em apresentar outros títulos. Por mais que possam ter importância no cenário mundial, eles não farão parte de nossa análise.

Porém, consideramos necessário inserir nesse vasto contexto a revista *Trip*, uma das publicações brasileiras na qual são veiculadas reportagens do Jornalismo Gonzo, objeto de nossa análise.

Apesar de não fazer parte deste trabalho a análise da linha editorial ou do conteúdo da revista *Trip*, consideramos importante apresentarmos um breve histórico da publicação. A revista abriu espaço em suas edições para o Jornalismo Gonzo, ao publicar em suas edições reportagens desse gênero.

A *Trip* Editora, fundada em 1986, surgiu no mercado editorial com a publicação da revista que levou o mesmo nome. Desde então, é distribuída mensalmente de forma ininterrupta. A Editora *Trip*, como nos contou, em entrevista, o seu diretor de Negócios, Marcos de Moraes, “vem se consolidando como uma das maiores intérpretes dos códigos de comportamento e comunicação de públicos específicos do Brasil”.<sup>15</sup> Em 1998, com o lançamento da *revista da rádio Jovem Pan*, a editora tornou-se pioneira em um ramo ainda não explorado, o da customização editorial, que vende por ano mais de 40 milhões de exemplares. A customização editorial é uma estratégia utilizada por algumas editoras no desenvolvimento de publicações com o perfil editorial voltado a um leitor específico, de acordo com a demanda de algumas empresas.

Atualmente, são nove diferentes títulos editados pela *Trip* Editora para o segmento de customização editorial. São eles: *Daslu*, *Homem Daslu*, *Mitsubishi*, *Gol*, *Private Brokers*, *Notícias da Gente - Ambev*, *Trevisan*, *Natura Mov* e *Revista da Natura*. A editora ainda publica outras duas revistas voltadas ao segmento jovem masculino e feminino (faixa etária, descrita pela revista, a partir dos 16 anos): *Trip* e *TPM* (*Trip* para mulheres). Somam-se ainda a essas publicações outros dois websites, um programa de rádio semanal, o licenciamento da marca *Trip* e uma consultoria de comunicação.

A revista *Trip*, a mais importante publicação da referida editora, tem hoje 187 mil leitores e uma tiragem auditada de 50 mil exemplares. De acordo com o seu diretor de negócios, trata-se da “mais importante publicação voltada ao público jovem formador de opinião do Brasil, num mercado no qual essa longevidade é rara para produtos não ligados aos grandes monopólios (...). Somos recordistas em páginas de publicidade entre as revistas independentes brasileiras, o que quer dizer que o anunciante nos

---

<sup>15</sup> A entrevista foi concedida em janeiro de 2006. Depois dela, houve uma série de contatos e solicitação de informações por meio da assessoria de imprensa da editora.

identifica de forma muito positiva (...) A *Trip* é hoje a maior referência em tendências de comportamento e jornalismo contemporâneo no país”.

Marcos Moraes reitera que “a *Trip* é hoje a maior referência em tendências de comportamento e jornalismo contemporâneo no país”. Por conta disso, acumula diversos prêmios importantes para este segmento dentro e fora do país: três medalhas do *New York Art Directors Club*; case como Veículo do Ano do *Anuário Brasileiro de Mídia – Meio & Mensagem*; melhor Revista Jovem na 16ª edição do *Prêmio Veículos de Comunicação – 2002*, da editora Referência; e foi finalista do *Prêmio Esso de Jornalismo* de 2002 a 2005.

Seguindo a marca de contemporaneidade em sua linha editorial, a revista publica mensalmente em suas edições, há 15 anos ininterruptos, uma reportagem identificada nominalmente como sendo do Jornalismo Gonzo. Durante todo esse período, as reportagens sempre foram elaboradas por um único jornalista, Arthur Veríssimo, considerado um dos precursores desse gênero no Brasil. Por conta disso, escolhemos duas reportagens do gênero publicadas na *Trip* para serem objeto da nossa análise. Essa escolha se deu com base nos assuntos escolhidos pelo repórter, preferencialmente temas opostos (religião x política) e no impacto que tiveram sobre os leitores na época. Uma das reportagens foi publicada na edição de novembro de 2005, de número 139. A opção pela escolha de temas opostos se justifica porque permite verificar se há ou não semelhanças estilísticas e discursivas que permitem classificar os textos num mesmo gênero jornalístico. A outra reportagem que analisaremos foi publicada na edição de setembro de 2006, de número 148.

A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade sociocultural. Por isso, parece-nos útil elencar uma série de

estatísticas obtidas com o Departamento de Publicidade<sup>16</sup> da revista *Trip* a fim de entender o perfil de leitor que se identifica com a revista e, por conseguinte, com o Jornalismo Gonzo:

-    A maioria dos leitores são homens: 55% do sexo masculino e 45%, feminino.

Ainda que a revista tenha capas sensuais e ensaios de nudez, a publicação tem um público feminino fiel — atraído, sobretudo, pelo estilo das reportagens;

-    Os leitores pertencem às seguintes classes econômicas: 75% às classes A e B, 25% à C e 0% à E;

-    O público leitor é jovem. A maioria (39%) pertence à faixa que vai dos 25 aos 34 anos. Em segundo lugar, com 24%, estão os jovens entre 20 e 24 anos; 12% nas faixas de 12 a 19 anos e 35 a 44; e apenas 1% dos leitores tem acima de 55 anos;

-    Os solteiros são a maioria, com 86%;

- O leitor é instruído: 54% têm nível superior.

Esses dados, mais do que direcionarem o nosso olhar para a análise do corpus, permitem-nos focar o aspecto fundamental da leitura: o da recepção. O texto é, por definição, um potencial de efeitos que se atualiza no processo de leitura. No dizer do crítico Wolfgang Iser: “Um texto só produz seu efeito quando é lido. Não é possível captar exclusivamente o efeito nem do texto, nem da conduta do leitor” (ISER, 1996, p. 15). Por outro lado, é preciso definir quem é esse leitor.

O discurso é o lugar de contato entre língua e ideologia. Ele é necessariamente um duplo: de um lado, está ligado às formações ideológicas, de outro, pela autonomia relativa da língua. Ele materializa o contato entre o ideológico

**Formatados:** Marcadores e numeração

---

<sup>16</sup> As estatísticas completas estão no anexo deste trabalho.

e o lingüístico. No interior do discurso estão os efeitos das contradições ideológicas e a existência da materialidade lingüística.

Nesse sentido, a análise do discurso jornalístico aqui apresentada não trata da língua exclusivamente, não trata da gramática, embora todos esses aspectos nos interessem. O objetivo é tratar do discurso, da palavra em movimento.

### III – O discurso jornalístico

*“A melhor ficção é infinitamente mais verdadeira  
que qualquer tipo de jornalismo – e os melhores  
jornalistas sempre souberam disso.”*

*(William Faulkner)*

Antes de iniciarmos as reflexões acerca do Jornalismo Literário, *New Journalism* e Jornalismo Gonzo, objeto de nosso estudo, faz-se necessária uma breve retrospectiva sobre o que já discorremos no capítulo II sobre os gêneros. Retomando os conceitos apresentados, reiteramos que os gêneros são relativos e transitórios, com princípios dinâmicos e em estado perene de transformação. Diante desse quadro, ressaltamos que não temos a intenção neste trabalho de apresentar uma classificação para os gêneros, separando-os em compartimentos. Ao contrário, busca-se provocar uma reflexão sobre suas características mais marcantes, que ora se apresentam com limites tênues, ora incorporam-se às características do outro, somando-se às suas próprias características, como é o caso do Jornalismo Literário, do *New Journalism* e Jornalismo Gonzo. Nenhum gênero despreza ou anula o outro, mas sim traz algumas características inéditas que os fazem ao mesmo tempo diferentes e complementares.

No Brasil, o Jornalismo Literário recebeu definições díspares pelos teóricos. Alguns entenderam-no como o período da história do jornalismo em que os escritores assumiram cargos importantes na direção de um jornal, como articulistas, cronistas ou autores de folhetins. Outros identificam esse gênero como uma narrativa que se apropria de alguns conceitos da literatura, incorporando-os aos textos das reportagens. Esta é a linhagem com a qual nos identificamos, ou seja, entendemos como Jornalismo



Literário toda e qualquer narrativa que utiliza recursos da literatura em textos jornalísticos.

Sobre o *New Journalism* ou Novo Jornalismo, os teóricos apontam que tal gênero teve sua origem nos Estados Unidos. Eles se referem à geração de jornalistas e também escritores norte-americanos dos anos 60, capitaneada por Gay Talese e Tom Wolfe, entre outros. Apesar de ter surgido nas redações de jornais americanos, conforme descreveremos com maior profundidade a seguir, o gênero se espalhou rapidamente e ganhou adeptos em todo o mundo. No Brasil, em 1966, o gênero é reconhecido por alguns teóricos como tendo influenciado as reportagens da então revista *Realidade* e também do *Jornal da Tarde*. Por conta disso, além de apresentarmos os conceitos desse gênero, ainda mostraremos suas influências, ainda que pontuais, nesses dois veículos de comunicação.

Por fim, abordaremos o Jornalismo Gonzo, até então, ainda pouco estudado pelos teóricos. A bibliografia a respeito do tema é escassa, o que, de um lado, dificultou esta pesquisa e, por outro, reafirmou a sua necessidade. Alguns teóricos o definem como sendo uma versão mais radical do *New Journalism* (PENA, 2003, p. 56). Isto é, ele se apropria dos conceitos do *New Journalism* e apresenta características complementares, que descreveremos mais detidamente neste capítulo. Por conta disso, entendemos o Jornalismo Gonzo como um gênero do discurso jornalístico, apesar de alguns teóricos não o reconhecerem como tal. O argumento apresentado por esses teóricos é que o JG está na contramão dos fundamentos do jornalismo que preza pela tão questionável objetividade e neutralidade do jornalista em suas reportagens. Mas, mesmo sem o reconhecimento de algumas correntes teóricas, o JG vem ganhando cada vez mais espaço em jornais, revistas de grande circulação e em websites, como mostraremos no decorrer deste trabalho.

### 3.1 - Literatura e jornalismo: evolução e confluências

Antes de abordarmos os conceitos e as características do Jornalismo Literário, apresentaremos uma perspectiva histórica do desenvolvimento do jornalismo e da literatura de folhetim, que nos ajudará a entender a influência da Literatura na imprensa detectada a partir dos séculos XVIII e XIX.

Ciro Marcondes Filho (2002) traça um quadro evolutivo da imprensa de 1631 aos dias atuais para definir em que período histórico inicia-se a influência da literatura no jornalismo. A chamada pré-história do jornalismo deu-se, de acordo com o autor, de 1631 a 1789. A produção dos jornais era artesanal e a forma assemelhava-se ao livro. No período seguinte, de 1789 a 1830, surgem as primeiras influências da literatura na imprensa da época. O conteúdo dos jornais tinha, essencialmente, cunho literário e político. Os textos tinham teor assumidamente crítico e a imprensa, de modo geral, era comandada por escritores, políticos e intelectuais. Já no período seguinte, com o denominado segundo jornalismo, de 1830 a 1900, inicia-se o processo de massificação da imprensa, com a multiplicação de publicações e o início da profissionalização dos jornalistas. Nessa época, iniciou-se a exploração da publicidade, como meio de sustentação financeira dos jornais, que passaram a assumir características mercantilistas.

O terceiro jornalismo, de 1900 a 1960, caracterizou-se pela chamada imprensa monopolista. Fortes grupos editoriais monopolizavam o mercado editorial brasileiro. O período também marcou as grandes tiragens, aumentando a aceitação do leitor pelos veículos de comunicação. O quarto e último período definido pelo autor vai de 1960 até os dias atuais. A principal marca foi o desenvolvimento da

Excluído: s

Excluído:

informação eletrônica e interativa, que imprimiu velocidade na transmissão de informação, valorização cada vez mais do visual e a crise da imprensa escrita.

O fato de os escritores de prestígio da época ocuparem posição de comando nas redações, principalmente de 1789 a 1830, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais, foi determinante para o surgimento do folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura.

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. O jornal do comércio pagava as colaborações entre 30 e 60 mil réis; o *Correio da manhã*, a 50 (...) toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa. (SODRÉ, 1977, p. 28)

Um dos principais gêneros, responsáveis por esta migração dos escritores para a imprensa, foi o folhetim. O termo que vem do francês *feuilleton* foi utilizado pela primeira vez no *Journal des Débats* e tinha como principal característica um tipo de suplemento dedicado à crítica literária e a assuntos diversos, marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura.

A partir das décadas de 1830 e 1840, a imprensa adquiriu caráter mais capitalista e popular, com o lançamento de publicações de narrativas literárias, o que impulsionou as vendas e, conseqüentemente, passou a atingir um número cada vez maior de leitores, dando à imprensa a tão almejada visibilidade social.

Muitos críticos alocam o folhetim como herdeiro do romance realista ou, na verdade, como uma diferente forma de veiculação dos mesmos preceitos. E como o realismo pode ser visto muito mais como uma atitude estética do que como um gênero, tal

aproximação é bastante factível. Se o conteúdo das obras expressava a necessidade de conhecer a nova ordem social vigente, nada mais justo do que a simbiose como o Jornalismo, também um retrato da época. (PENA, 2006, p. 29)

Algumas características apresentadas a seguir garantem ao gênero folhetim a exclusividade narrativa do Jornalismo Literário:

- Linguagem simples e acessível a todas as classes sociais;
- Homogeneização cultural, recurso utilizado para facilitar a compreensão com o uso freqüente de estereótipos e clichês, histórias de adultérios e amores impossíveis, com o objetivo de arrancar lágrimas dos leitores;
- *Plot* ou ponto de virada do roteiro: no momento culminante da história, a ação era interrompida e só continuada a partir do próximo capítulo, que só seria resolvido na edição seguinte do jornal;
- Estética da redundância: os escritores usavam o recurso da repetição de fatos passados para que o novo leitor pudesse entender a história e acompanhá-la a partir daí;
- Intervenção constante dos leitores na história, por meio de cartas que eram enviadas à redação sugerindo novos personagens, desfechos diferentes aos do planejado pelo escritor, por exemplo.

Apesar das críticas que recebia, por conta de sua narrativa popularesca, o folhetim ganhou reconhecimento de importantes críticos, como Edgar Morin e Arnold Hauser. Para o filósofo francês Edgar Morin, “o estilo era socializante, na medida em que destrói as barreiras sociais, dirigindo-se ao pobre e ao rico, ao culto e ao ignorante, descrevendo com realismo a condição de vida dos deserdados e a opulência dos grandes, abrindo os olhos do leitor para as injustiças mais gritantes” (Apud FREITAS, 2002, p. 118).

Formatados: Marcadores e numeração

Para o autor de *História Social da Literatura*, o crítico Arnold Hauser, “o romance de folhetim significou uma democratização sem precedentes da Literatura e um nivelamento quase absoluto do público leitor. Nunca uma arte foi tão unanimemente reconhecida por tão diferentes estratos sociais e culturais, e recebida com sentimentos tão similares.” (Apud CHILÓN, 1999, p. 91).

Essas características consagraram vários escritores da história da literatura universal, que tiveram participação efetiva nos jornais da época, seja como articulistas ou como escritores de folhetins. Na França, o maior destaque foi Honoré de Balzac; Victor Hugo, autor de *Os Miseráveis*; e Alexandre Dumas, que publicou no jornal *Le Siècle* um dos maiores clássicos da literatura mundial, *Os três mosqueteiros*.

Na Inglaterra, Charles Dickens fazia reportagens-denúncias sobre o parlamento inglês. Em Portugal, Camilo Castelo Branco e Júlio Diniz publicaram seus romances, em formas de folhetim, nos jornais *República*, *A Capital*, *Diário de Notícias*, *Diário Popular* e *Diário de Lisboa*. Na Rússia, grandes escritores também tiveram suas histórias publicadas em folhetins, como foi o caso de Fiódor M. Dostoiévski e Liev Tolstoi.

No Brasil, em 1897, o jornalista e escritor Euclides da Cunha pode ser considerado um dos precursores, após a publicação de um artigo no jornal *O Estado de São Paulo* sobre o povoado de Canudos. Ele foi enviado como correspondente para cobrir dois meses de guerra no sertão baiano, de onde enviou 25 reportagens ao jornal. Mais tarde, em 1902, publicou *Os Sertões*, que rapidamente se transformou num best seller, traduzido para várias outras línguas, e um dos clássicos da literatura brasileira.

Machado de Assis também foi uma importante figura da época para o Jornalismo Literário. Ele colaborou intensamente nos jornais como cronista, contista, poeta e crítico literário, tornando-se respeitado como intelectual antes mesmo de se firmar como grande romancista.

Outros grandes escritores brasileiros da época passaram pela imprensa, como, por exemplo, José de Alencar, Aloísio de Azevedo, Raul Pompéia, Joaquim Manoel de Macedo, Visconde de Taunay, entre outros.

A literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX. Muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins, publicam suplementos literários. É como se os veículos jornalísticos se transformassem numa indústria periodizadora da literatura da época. Esse aspecto divulgador, oportunidade inovadora de chegar à coletividade, é o fator que atrai os escritores. (LIMA, 2004, p. 174)

Na década de 1950, a narrativa literária deixa de ter destaque na imprensa e passa a ocupar um espaço restrito, dedicado aos suplementos ou cadernos literários, como eram chamados. Porém, essas publicações assim como o restante do conteúdo publicado nos jornais deixaram de ter as características de narração literária para dar lugar ao chamado “jornalismo moderno”, que preza pela objetividade e a concisão nos textos. Foi nessa época que surgiram métodos como o lide (*lead*) e a pirâmide invertida, que passaram a fazer parte das características do texto jornalístico. Exploraremos esse assunto mais à frente.

Na história da imprensa mundial, alguns jornais mantiveram, em destaque, suplementos literários, como é o caso do *Le Monde*, na França, que publicava o caderno *Le Monde des Livres*. Ainda na França, o jornal *Libération* mantém o

suplemento *Les Livres*. O Inglês *The Times* publica o centenário *The Times Literary Supplement*, que tinha a participação de grandes escritores e articulistas, como Virginia Woolf e Charles Morgan.

Em Portugal, alguns dos importantes suplementos publicados foram o *DN Jovem*, no *Diário de Notícias*; *Mil Folhas*, no jornal *Público*; e o *Livros e autores*, no *Diário de Lisboa*. No Brasil, curiosamente, o título dos suplementos não trazem a palavra livro, como é o caso do caderno *Mais!*, da *Folha de S.Paulo*; o caderno *Idéias*, do *Jornal do Brasil*; e *Proza e Verso*, no *O Globo*. O jornal *O Estado de São Paulo* não possui um suplemento exclusivo para esta função, apenas uma seção de livros.

Por meio dessa perspectiva histórica apresentada, que traçou um paralelo entre a evolução do jornalismo e sua confluência com a literatura, foi possível entender que desde o século XVIII a literatura esteve presente na imprensa, principalmente sob dois aspectos: os escritores que passaram a trabalhar no jornal, em busca de maior visibilidade; e também quando o jornalismo se apropria dos recursos literários para reportar melhor a realidade. Isso ocorreu desde a publicação dos primeiros folhetins e é percebido até os dias atuais, como mostraremos no decorrer deste trabalho.

É importante ainda ressaltar os mecanismos de estrutura da reportagem que foram substituídos. No lugar da informação bruta e condensada, o Jornalismo Literário propõe ampliar e potencializar os recursos do próprio jornalismo. Podem-se enumerar alguns conceitos básicos que fazem parte de uma narrativa do Jornalismo

Literário. Segundo Felipe Pena,<sup>17</sup> estudioso da área de Comunicação Social (PENA, p. 14), as marcas são as seguintes:

- 1) O jornalista adepto deste gênero não despreza as técnicas convencionais de narrativa jornalística. Ele as desenvolve de tal forma que consegue incorporar a narrativa literária em suas reportagens, mas continua sempre fiel à apuração rigorosa dos fatos, à observação atenta, à abordagem ética, entre outros fatores;
- 2) O apuro de observar a realidade sob um outro ângulo.

O JL é um gênero comumente empregado em diversas mídias de todo o mundo, como jornais, revistas e websites. Porém, sua utilização é cercada de controvérsias. No âmbito da doutrina jornalística tradicional, esse gênero não tem aceitabilidade garantida. O argumento apresentado é que o gênero se distancia da tão almejada objetividade e neutralidade jornalística nas suas mais diversas expressões, como na notícia ou reportagem – correspondendo a uma forma de discurso da imprensa do passado, quando ainda não havia regulamentações e contornos jornalísticos delimitados.

Um dos procedimentos mais importantes para os jornalistas literários é a imersão profunda no tema, objeto ou personagem sobre o qual vai escrever. O gênero vem de longa data. No Brasil, em 1897, o jornalista e escritor Euclides da Cunha pode ser considerado um dos precursores, com a cobertura da guerra de Canudos para *O Estado de São Paulo* e a posterior publicação, em 1902, de *Os sertões*.

**[SGON3] Comentário:** O trecho está repetitivo, por isso foi excluído. Você já havia dito isso antes no capítulo anterior.

---

<sup>17</sup> Doutor em Literatura, Pena foi sub-reitor da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, onde também ocupou o cargo de diretor da Faculdade de Comunicação Social. Autor de diversos livros, todos na área de comunicação, entre eles sobre teoria do jornalismo e jornalismo literário.



Em 1960, nos Estados Unidos, o gênero iniciou sua expansão e ganhou reconhecimento do leitor. Se comparado com o jornalismo tradicional, que busca a objetividade da narrativa, o discurso do Jornalismo Literário não tem a preocupação de legitimar-se através da utilização de recursos de controle da subjetividade, mas sim de verossimilhança. Ao se basear na imersão do jornalista-enunciador na realidade a ser transmitida ao alocutário, o Jornalismo Literário tem como maior compromisso interpretar os fatos jornalísticos de forma integral e irrestrita e retratar toda a subjetividade necessária à revelação do conteúdo objetivo: “o verossímil encontra-se em direta relação ao efeito de real discursivamente construído. E credibilidade é sua contrapartida na ausência de uma verdade em plenitude” (GOMES, 2000, p. 30).

### **3.2 - O *New Journalism*: a subjetividade de forma objetiva**

Há controvérsias quanto ao marco inicial do *New Journalism*. Alguns teóricos, como o professor Carlos Rogé,<sup>18</sup> um estudioso do assunto, afirmam que o termo foi utilizado pela primeira vez em 1887. Já o jornalista e escritor Tom Wolfe, um dos precursores do NJ, afirma que desconhece quem classificou o gênero e quando isso ocorreu. De qualquer forma, foi em 1962 que Tom Wolfe<sup>19</sup> iniciou a publicação de reportagens que o transformariam numa das figuras-chave do NJ, no jornal *New*

---

<sup>18</sup> O termo, segundo o professor Carlos Rogé, foi utilizado pela primeira vez em 1887, porém, de forma jocosa para desqualificar o jornalista britânico *WT Stead*, editor da *Pall Mall Gazette*. Em uma de suas reportagens, ele negociou a compra de uma garota de 13 anos da própria mãe para denunciar a prostituição infantil. Por conta dessa atitude, o jornalista foi preso por dois meses e foi duramente criticado pela imprensa de um modo geral, que o intitulou de novo jornalista. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e política: práticas políticas*. São Paulo: Edusp, 2004.

<sup>19</sup> O jornalista e escritor, Tom Wolfe, doutorou-se em estudos americanos pela Universidade de Yale. Escreveu livros de jornalismo e ficção, como *Fogueira das Vaidades* e *Um homem por inteiro, entre outros*. É considerado um dos precursores do *New Journalism*. Em 1975, publica o livro *The New Journalism*, uma espécie de manifesto do gênero e, em seguida, *Radical chic*, *o Novo Jornalismo*.

*York Herald Tribune*. A partir daí, o gênero despontou, nos Estados Unidos, como fruto de um período marcado por forte contestação social e cultural.

É importante observar que não se trata de um gênero absolutamente inédito, e sim parte da evolução do Jornalismo Literário, uma vez que busca inspiração na literatura de realismo social e nas manifestações literárias de caráter informativo e factual e, portanto, jornalístico.

Talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance.(...) O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (WOLFE, p. 28)

O jornalista Gay Talese, um dos importantes expoentes do gênero, caracteriza o NJ como “uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como os outros preferem” (TALESE, 2004, p. 9).

O *New Journalism* incorporou os recursos literários ao costumeiro trabalho de apuração e registro jornalísticos. Tom Wolfe (1975) enumera quatro principais características do NJ: reconstituir a história narrada cena a cena; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; a utilização de símbolos de status; e registrar diálogos completos, editando-os o mínimo possível.

O jornalista explica que a construção cena a cena é necessária para a contextualização dos fatos, numa sucessão de eventos cuja seqüência e encadeamento formavam o chamado quadro dinâmico da narrativa. No que diz respeito aos símbolos de status, o objetivo é descrever detalhadamente os ambientes, de forma objetiva, bem como os comportamentos, expressões faciais, hábitos, costumes, vestuário, decoração, enfim, tudo para que o leitor consiga se transportar e vivenciar como se fosse um observador real do acontecimento narrado.

O emprego de diálogos busca uma aproximação com a linguagem oral. Isso ocorre por meio da transcrição fiel das falas entre o repórter e o entrevistado, consideradas importantes para o entendimento da matéria.

Por último, Wolfe considera que o emprego aberto do ponto de vista e das impressões pessoais do enunciador corresponde a uma subjetividade declarada, que deixa explícita ao leitor que se trata da opinião de um narrador que presenciou o fato.

Fazer reportagens nunca se torna mais fácil porque já fiz muitas. O problema inicial é sempre abordar gente completamente desconhecida, penetrar em sua vida de algum modo, fazer perguntas que você não tem nenhum direito natural de esperar que sejam respondidas, pedir para ver coisas que não são para você ver, e assim por diante. (WOLFE, p. 83)

Dessa forma, o gênero vai ganhando novos adeptos e se expandindo, uma vez que realiza imersões cada vez mais profundas no cotidiano da sociedade americana, em constante ebulição e em processo de conflitos sociais e culturais, bem como no universo íntimo dos personagens, sejam eles de destaque ou pessoas comuns da sociedade, mas que tenham uma história interessante para ser contada. O gênero reforça a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de

objetividade do texto jornalístico, expressas, principalmente, na figura do *lead*, um parágrafo-padrão de abertura.

Eu tinha a sensação, certa ou errada, de fazer coisas que ninguém havia feito antes no jornalismo. Costumava imaginar a sensação dos leitores ao encontrar tudo aquilo rolando num suplemento dominical. E gostava da idéia. Tenho certeza de que muitos que faziam experiência com artigos para revistas, começaram a sentir a mesma coisa. (...) Eles tinham desenvolvido o hábito de passar dias, às vezes semanas, com as pessoas sobre as quais escreviam. Tinham de reunir todo o material que o jornalista convencional procurava – e ir além. (...) a idéia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa (...) especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens. (WOLFE, p. 37)

O jornalista e escritor Truman Capote também é considerado uma figura importante para a consolidação do NJ. Isso ocorre quando ele publica, em capítulos, a reportagem intitulada *A sangue frio*, em 1965, na revista *The New Yorker*. A trágica história de dois bandidos que assassinaram uma família em uma zona rural do Kansas, nos Estados Unidos, é resultado de uma investigação de vários meses do autor. Capote recriou diálogos interiores e reconstruiu a atmosfera de cada cena. No ano seguinte, a mesma história é publicada em formato de livro-reportagem e alcança grande sucesso de vendagem, o que colabora com a consolidação do *New Journalism* (PENA, p. 53).

Nesse período, o NJ inicia, então, um processo de expansão que começa pelos jornais *Herald Tribune*, como já havíamos citado; *Daily News* e *The New York Times*. Algumas revistas dominicais de alguns periódicos também dão espaço ao gênero, como a *New York* e as consideradas mais independentes *The New Yorker* e

*Esquire*. Mais tarde, será lançado o livro-reportagem, como abordarmos.

O gênero também rompe as fronteiras dos Estados Unidos e chega rapidamente a outros países como, o Brasil. Aqui, a revista *Realidade*, considerada um dos marcos de transformação da imprensa brasileira foi a primeira sofrer influências do gêneros.

Esse panorama será apresentado no capítulo que trata dos gêneros do discurso jornalísticos, mais especificamente quando abordarmos o *New Journalism*. Tal retrospecto torna-se fundamental na medida em que a influência desse gênero notabilizou uma proposta estética renovadora na revista, considerada uma das grandes escolas de reportagem moderna no Brasil.

Por conta de sua importância nesse cenário e da ruptura para com o próprio texto do jornal e da revista até então empregado na imprensa brasileira, o referido periódico imprimia também um novo estilo editorial no país. A revista trazia a abordagem de temas comportamentais considerados polêmicos como drogas, racismo, prostituição, entre outros.

Há um certo consenso entre historiadores e jornalistas sobre o caráter de vanguarda da revista. O professor e pesquisador Edvaldo Pereira Lima, por exemplo, considera a revista *Realidade* a mais significativa experiência estilística vivida pelo jornalismo brasileiro. Em suas palavras:

Realidade primou pelo texto solto que rompia com as fórmulas tradicionais do jornalismo no Brasil (...) Não encontramos nas edições até 1968 propostas tão radicais quanto o fluxo de consciência, por exemplo. Geralmente, também não havia alternância entre vários pontos de vista numa mesma matéria (...) uma das características do “estilo *Realidade*” é que não havia

estilo uniforme padrão. Cada profissional que procurasse a sua forma de expressão, mais indicada para cada circunstância. Por isso as reportagens tinham seu toque de individualidade e o que dava unidade de estilo à revista é que todos primavam pela experimentação estética. Realidade era uma revista de sabor, as matérias tinham de encontrar a sua forma de canalizar e reproduzir o contato visceral com a vida. (LIMA, 2004, p.230)

Para justificar a importância desse veículo e apontar traços do *New Journalism* em suas reportagens, o acervo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo revelou grandes surpresas e contribuições a esta pesquisa.<sup>20</sup> Lá foi encontrado um depoimento histórico de José Hamilton Ribeiro, redador-chefe da Revista *Realidade*. Os trechos relatados a seguir foram extraídos, na íntegra, do depoimento desse jornalista ao jornal *Unidade*, ano I, nº 8, em março de 1976.

Era abril de 1966, e o convite para *Realidade* já vinha até com pauta pronta:

- Você vai ser preto por um mês.

A proposta dessa reportagem — eu me submeteria a um tratamento médico que me deixaria preto e, como preto, viveria normalmente durante um mês — uma proposta entusiasmante e irrecusável, ia ser uma das características da nova revista: matérias nascidas em grande criatividade e para serem “vivas” profunda e corajosamente. E depois transcritas com toda “verdade” possível. Daí o nome: *Realidade*.

---

<sup>20</sup> Optei por várias consultas ao acervo no decorrer deste trabalho. Apesar do processo recente de catalogação do material e organização da biblioteca, o Sindicato guarda preciosidades e textos ainda pouco estudados pela academia.

(...)

Arranjei primeiro um dermatologista da USP, em São Paulo, que ia – através de remédios, de banhos de infra-vermelho e outros recursos - fazer minha pele escurecer. Não deu certo. Tentei um professor da Medicina de Ribeirão Preto, também não deu certo. Como eu não conseguia ficar preto por dentro, resolvemos tentar por fora: o maior maquiador brasileiro me fez um imenso crioulo por uma noite, e foi até divertido; mas não deu matéria. *Realidade* exigia muito mais.

Minha primeira reportagem na revista “furou”, mas o “amor” repórter-revista já estava selado. Eu iria viver, em *Realidade*, os meus mais emocionantes, mais premiados e mais dramáticos dias de jornalista brasileiro.” (RIBEIRO, 1976)

Mais à frente, José Hamilton Ribeiro passou de repórter a vítima de seu próprio estilo de reportagem. Ele acabou virando notícia de capa em uma das edições da publicação. Pautado para a cobertura da guerra do Vietnã, pisou em uma mina terrestre que detonou, levando uma de suas pernas. A reportagem de Ribeiro foi o dramático diário de sua tragédia pessoal, na qual relatava, em detalhes, os horrores de uma guerra.

O secretário-gráfico e secretário de Redação da *Realidade* Woile Guimarães também descreve, nesse mesmo jornal do *Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo* (1976), citado anteriormente, um testemunho importante que reitera a tese de vários estudiosos que apontam a revista *Realidade* com um marco histórico na imprensa brasileira. Segundo ele:

**A estrutura de texto de certa forma também era nova. Contavam-se os acontecimentos através de histórias. Era um “romance real”.**

**Pela forma, pelo desenvolvimento e fluidez de um texto claro, atraente, que tinha os adjetivos nos lugares e nos momentos certos; e também pela técnica da narrativa, que atraía o leitor linhas afora, 10, 12 páginas.**

Evidentemente, a Redação soube entender sua época, percebeu que em 66, 67 e até fins de 68 era possível fazer jornalismo. Era possível ousar. E a ousadia foi outro traço característico do sucesso da revista. Como não havia censura até então, e navegava-se no liberalismo do presidente Castelo Branco, a revista pôde entrevistar políticos cassados pela revolução de 64, pôde apresentar e discutir temas esquecidos e aparentemente perigosos. Mas fez isso com cuidado, embora com coragem e com a exposição dos fatos em seus diversos ângulos. Negar uma consciência política àquela equipe; negar-lhe uma consciência social da realidade, uma vontade de agir e de mudar, de contribuir e melhorar, é não lhe fazer justiça. **Sem exageros, a revista mudou o comportamento do brasileiro. Suas abordagens do sexo, corajosas, sem sensacionalismo, destruíram muitos tabus - e foram seguidas por revistas semanais, que chegaram a se descaracterizar para também conseguir leitores.** (GUIMARÃES, 1976.<sup>21</sup>)

Audálio Dantas, repórter e editor da revista, também dá o seu testemunho sobre as características mais marcantes da narrativa de *Realidade*:

A revista *Realidade* investia, deixava o repórter um mês dedicado ao seu trabalho. (...) **O repórter vivia o problema como um personagem do fato.** Ia viver numa fazenda, em outro país, por exemplo.

A grande marca que a revista deixou na imprensa brasileira foi o jornalismo

de texto, a busca de um texto jornalístico que se impunha por si mesmo.

(..)

---

<sup>21</sup> Os grifos são meus.



*Realidade* pode ser vista como um *divisor de águas* na história do jornalismo brasileiro; ela *organizou*, sob a forma da reportagem, a participação do profissional de imprensa nas questões colocadas em sua época. E não o fez exclusivamente como uma experiência editorial voltada para si mesma senão que se fixou como uma *escola* que abrangeu outros órgãos de informação e como uma experiência que buscou a atemporalidade de sua prática. Nesse sentido, **Realidade materializou a utopia do texto independente**, assegurado ao leitor por todas as condições descritas neste livro. Mas era apenas fruto de uma conjuntura específica e irrepetível. Pode ter se fixado como escola para o profissional de imprensa, definindo um estilo. E pode mesmo ter gerado a ilusão de que, de alguma forma e em outro tempo, seria possível retomá-la. O desenvolvimento posterior da vida cultural e política brasileira, no entanto, mostrou outros caminhos. (Apud FERNANDES, 1988)<sup>22</sup>

Nas entrevistas apresentadas, é possível identificar as marcas conceituais do *New Journalism*. O repórter aparecia imerso dos pés à cabeça no real. O professor J.S. Faro, em seu livro *Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira* (1999), fruto de sua tese de doutorado, reitera que “é o recurso ao ficcional e à forma literária que permite ao repórter fugir do mimetismo e do empobrecimento da objetividade. (...) Trata-se também de identificar na própria dinâmica do trabalho do repórter a necessidade de ampliar o nível de apreensão da realidade, investigá-la em suas contradições e em sua dinâmica – marcas da produção cultural dos anos 60” (FARO, 1999, p.19).

A esse respeito, Tom Wolfe, um dos precursores do gênero, afirma que a proposta do NJ é ir além dos limites convencionais do jornalismo, mas não apenas em termos de técnica. O autor-jornalista precisava “sentir” o que escrevia. | É justamente isso o que propunha a revista *Realidade*, no Brasil. Por conta dessa

**[SGON4] Comentário:** Faltou o depoimento do Wolfe. O trecho está truncado, por isso foi retirado.

---

<sup>22</sup> Os grifos são meus.

proposta ousada e inovadora de se fazer jornalismo na época, *Realidade* ganhou sete prêmios Esso de Jornalismo.<sup>23</sup> Um deles foi por conta de uma edição especial da revista sobre a Amazônia, em 1972. De acordo com o próprio site do referido prêmio,<sup>24</sup> “esta reportagem foi uma das mais completas descrições já feitas do universo amazônico, mobilizou 16 jornalistas em deslocamentos mata a dentro e visitas a mais de uma centena de cidades, num percurso maior que o de uma viagem à Lua. Da Amazônia, trouxeram 30 mil fotografias, incontáveis relatos de uma visão de contrastes onde 1,5 milhão de pessoas vivia uma existência de miséria sobre a riqueza mitológica do solo”.

### **3.3 - Jornalismo Gonzo: a versão mais radical do *New Journalism***

Como já foi dito anteriormente, os gêneros do discurso jornalístico apresentados neste trabalho não se excluem, tampouco têm limites rígidos definidos. Eles se complementam ao se apropriarem das características dos outros e ao apresentarem sempre aspectos novos, o que permite diferenciá-los. Quer dizer, o JL absorve os elementos da narrativa literária, pois incorpora aspectos de sua

---

<sup>23</sup> O Prêmio Esso de Jornalismo, o mais importante e tradicional programa de reconhecimento de mérito dos profissionais de Imprensa do Brasil, completou 51 anos de existência, sem qualquer interrupção. Foi criado em 1955 com o nome de "Prêmio Esso de Reportagem", passando posteriormente a se chamar "Prêmio Esso de Jornalismo". E desde a sua criação até os dias atuais, concorreram ao prêmio aproximadamente 20 mil trabalhos jornalísticos. O prêmio é concedido ao melhor trabalho publicado na imprensa anualmente, segundo a avaliação das Comissões de Julgamento integradas exclusivamente por profissionais de comunicação. Outras 13 categorias recebem prêmios específicos para trabalhos em jornais e revistas.

<sup>24</sup> Disponível em: [www.premioesso.com.br](http://www.premioesso.com.br). Acesso em: 01 nov. 06.

própria natureza e consolida-se num gênero altamente difundido atualmente, como já foi notado. Num passo seguinte, o *New Journalism* se apropria de todas as características do Jornalismo Literário e apresenta outras, inéditas, para sua composição. Dentre as inovações, podem-se destacar as seguintes: imersão completa do jornalista no fato a ser narrado de tal modo que pudesse recriar em sua narrativa todos os ângulos da história, a reprodução fiel dos diálogos dos personagens e a descrição objetiva do local com requintes de detalhes. No começo da segunda metade da década de 1960, quando o *New Journalism* estava em alta, surge paralelo a este gênero, o Jornalismo Gonzo ou *Gonzo Journalism*. O gênero também absorve características do Jornalismo Literário e ainda do *New Journalism* e apresenta outras inerentes a sua própria configuração.

O JG se trata de uma vertente do *New Journalism*, criada e popularizada por Hunter S. Thompson, repórter da revista americana *Rolling Stone*. O gênero se expandiu rapidamente por outros veículos, principalmente revistas como *Playboy*, *Rolling Stone*, *San Francisco Chronicle*, *Esquire*, *Vanity Fair*, entre outras. Ele extrapolou as publicações norte-americanas e influenciou diversas outras pelo mundo afora, inclusive o Brasil. Mesmo com essa rápida ascensão nos veículos de comunicação, a bibliografia a respeito do tema é escassa. O assunto aparece em algumas obras que tratam do Jornalismo Literário, mas apenas em capítulos específicos. Também denominado jornalismo fora-da-lei, jornalismo alternativo e cubismo literário, o gênero criado por Thompson tem como principal característica a ruptura com os padrões convencionais do jornalismo. Como ele mesmo define:

Jornalismo Gonzo consiste no envolvimento profundo e pessoal do autor no processo de elaboração da matéria. Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem. Tudo

que for narrado é a partir da visão do jornalista. Irreverência, sarcasmo, exageros e opinião também são características do Jornalismo Gonzo. Na verdade, a principal característica dessa vertente é escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação. (THOMPSON, 2004b)

Hunter S. Thompson | identifica pelo menos três características essenciais a esse gênero jornalístico:

**[SGON5] Comentário:**  
Desnecessário, o autor já foi apresentado com esse epíteto várias vezes.

- 1) O processo de captação dos fatos não se restringe apenas à observação e à apuração dos fatos. O jornalista gonzo deve vivenciar a experiência, tornando-se parte do objeto de sua reportagem, podendo, inclusive, alterar o destino da história;
- 2) É permitido o uso de personagens e situações fictícias na história, caso contribua para o aumento do nível de informação ao leitor;
- 3) A narração deve ser feita sempre na primeira pessoa. A intenção é imprimir legitimidade às histórias contadas pelo jornalista, transformando-o numa espécie de jornalismo confessional.

Nota-se que tais parâmetros fogem completamente do apreço do moderno jornalismo, marcado pelos parâmetros do *lead* e da pirâmide invertida. A palavra *lide* provém do inglês *lead*, que significa “comando”, “primeiro lugar”, “lidgear”, “guiar”, “induzir”, “encabeçar”. O *lead* é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, ainda que possa haver outros *leads* em seu corpo. O *lead* torna possível, ao leitor que normalmente dispõe de pouco tempo, tomar conhecimento do fundamental de uma notícia de forma rápida e condensada leitura do primeiro parágrafo. Sua leitura pode também “fisgar” o interesse do leitor e persuadi-lo a ler até o final, mas não se pode correr o risco.

No moderno jornalismo, essa técnica foi aplicada por facilidades comerciais. Ela facilita a diagramação e a paginação: se a matéria estourar, em razão de espaços maiores destinados à publicidade (o que sustenta qualquer publicação, de fato), podem ser cortadas as suas linhas de baixo para cima, sem prejudicar o sentido do texto. Como recomenda Luiz Amaral em seu manual de jornalismo: “Os fatos principais encabeçam o texto; vêm, em seguida, os fatos de importância intermediária; e o final do texto comporta, apenas, informações que, de nenhum modo, alteram a compreensão da notícia” (AMARAL, 1969, p. 200).

O *lead* deve informar quem fez o quê, a quem, quando, onde, como, por que e para quê. Para o jornalista e pesquisador Nilson Lage, na obra *Estrutura da notícia*, o *lead* é uma proposição completa no sentido aristotélico, já que contém: o sujeito, um sintagma nominal; o predicado, ou seja, um sintagma verbal; e as circunstâncias ou sintagmas circunstanciais. Segundo essas regras, um *lead* não pode ser começado por verbo, mas sim pelo sintagma nominal ou circunstancial mais importante (LAGE, 1985, p. 31). Para o *Manual da “Folha de S.Paulo”*, a abertura ideal de uma matéria se dá com um lead noticioso, capaz de “responder às questões principais em torno de um fato”.

Além de Lage, outros estudiosos como Francisco Karam (2000), também acreditam que as bases da notícia estruturada como pirâmide invertida estariam na Antigüidade greco-romana. Cícero, na obra *De Inventione*, relaciona aspectos essenciais para que a comunicação fosse transmitida com a melhor eficácia possível. Para isso deveriam ser respondidas as seguintes indagações: quem (quis/persona), o quê (quid/factum), onde (ubi/locus), como (admodum/modus), quando (quando/tempus), com que meios ou instrumentos (quibus adminiculis/fa-

cultas) e por quê (cur/causa)? Dessa forma, Cícero teria instituído o paradigma da exposição dos acontecimentos.

A origem da pirâmide invertida e do lead é reivindicada por norte-americanos e ingleses. A primeira notícia redigida com essa estrutura teria sido no *The New York Times*, em 1861. No Brasil, o lead foi utilizado pela primeira vez na redação do jornal *Diário Carioca*, sob a chefia de redação de Pompeu de Souza e ao chefe de reportagem Luís Paulistano, conforme relato o historiador Nelson Werneck Sodré (1977, p. 396)

Contrariando todas essas práticas, o JG se propagou pela mídia impressa brasileira e não só ela. O JG está difundido em diversas mídias: jornal, revista, televisão e internet. Os blogs também se tornaram grandes divulgadores desse gênero, pois permitem ao usuário publicar tanto diários virtuais quanto matérias jornalísticas específicas na rede mundial de computadores.

O gênero tem como um dos mais importantes representantes no Brasil o jornalista Arthur Veríssimo, da revista *Trip*. Em entrevista publicada no site do *Observatório da imprensa*,<sup>25</sup> um importante e reconhecido canal de discussão da imprensa brasileira, Arthur Veríssimo aponta algumas características do JG sob a ótica de um repórter que se dedica, exclusivamente, a explorar em suas reportagens os conceitos mais marcantes desse gênero.

---

<sup>25</sup> O Observatório da Imprensa é uma entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária que pretende acompanhar, junto com outras organizações da sociedade civil, o desempenho da mídia brasileira. Foi organizado no Estado de São Paulo pelo Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo), da Unicamp, e desenvolveu-se sob a égide do Comitê Gestor Internet no Brasil e, nesta versão on line, iniciada em abril de 1996, é um projeto do Projor (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo). Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br). Acesso em: 01 nov. 06.

Destacamos a seguir alguns trechos da entrevista<sup>26</sup> realizada com o jornalista. Seu depoimento revela, por si só, alguns traços marcantes da *práxis* do JG, como o sarcasmo, a provocação e a irreverência.

O gonzo que a gente recriou dentro das possibilidades editoriais da *Trip* foi fazer um tipo de jornalismo que fosse degustativo para os jovens. Pois é entretenimento aquilo. Antropologia com entretenimento. Sempre querendo saber até onde pode chegar esse tipo de jornalismo. É preciso entrar no corpo a corpo, aí é que você aprende realmente. No tipo de reportagem que faço, tento resgatar grandes pesquisadores, como Marco Pólo, Darwin e outros.

(...)

Eu tento levar uma reportagem que mexa com os sentidos. Tento buscar sempre um jeito de despertar. Tirar a pessoa do lugar comum. Por exemplo, ele está no metrô lendo a matéria, no avião, na privada, criando ruídos dentro dela. Senão, pra que é que eu estou fazendo alguma coisa?

(...)

Um cara que me influenciou bastante foi o Gilberto Felisberto Vasconcellos. Um cara top é Cláudio Tognolli, com as suas investigações. E outro foi Pepe Escobar, que também me influenciou muito e que, pra mim, é um ícone do jornalismo brasileiro. E assim vai. A turma do *Pasquim* remete muito ao Jornalismo Gonzo. Eu devorava esse jornal, as revistas *Manchete*, *Realidade* (...). Na verdade, eu acho que a gente deve produzir, fotografar, se pautar, pagar e temos, às vezes, que maquiar as situações. (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br))

---

<sup>26</sup> A íntegra da entrevista está no anexo III deste trabalho. Optei por destacar aqui partes importantes que identifiquem o estilo do Jornalismo Gonzo em matérias publicadas na imprensa brasileira.

## IV - O Gonzo em ação

Utilizaremos a abordagem teórica apresentada no decorrer deste trabalho para fundamentar aqui a análise do corpus. Foram selecionadas duas reportagens representativas do Jornalismo Gonzo, publicadas pela revista *Trip*. Elas foram extraídas de um espaço, que existe há 15 anos na revista, dedicado ao gênero.

Houve um processo de seleção do corpus. Optou-se por escolher matérias que tivessem grande repercussão entre o público, que tivessem merecido cartas, comentários e que, por outro lado, tivessem temas contraditórios. A primeira reportagem é sobre o esoterismo e a outra, o seu contraponto, é sobre política.

A intenção era verificar se, a despeito dos temas diversos, havia unidade estilística e de gênero. O objetivo era apontar as confluências possíveis no Jornalismo Gonzo em reportagens com eixos temáticos tão distintos.

A primeira reportagem (texto 1), intitulada *Hey Artur*, foi publicada na edição número 139, no mês de novembro de 2005. A segunda reportagem que analisaremos (texto 2) traz a manchete<sup>27</sup> *Podres poderes* e foi publicada dez meses após a primeira, em setembro de 2006, na edição de número 148. As duas reportagens estão nos anexos 1 e 2, respectivamente, deste trabalho.

---

<sup>27</sup> Cf. Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa, a manchete é: “1. Título principal, composto em letras garrafais e publicado com grande destaque, geralmente no alto da primeira página de um jornal ou revista. Indica o fato jornalístico de maior importância entre as notícias contidas na edição. 2. P. ext., título de maior destaque (em tamanho e importância jornalística) no alto de cada página de notícias. Do fr. *manchette*.”. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Ática, 1987. p. 379.



Vale ainda destacar que as duas reportagens foram produzidas por um mesmo jornalista, Arthur Veríssimo, reconhecido pelo leitor da revista como “o repórter gonzo” ou “jornalista gonzo”, título dado a ele pela própria publicação, que o nomeia nos créditos dessa forma.

Apesar de o leitor em geral desconhecer o conceito e as características estilísticas do gênero gonzo, a forma como se apresenta esta modalidade nos dois textos analisados permite-nos entender que se trata de uma narrativa que se contrapõe ao estilo das que são publicadas cotidianamente na imprensa brasileira. Mesmo antes de ler o texto, esta percepção fica clara e desperta a atenção do leitor pelas ilustrações, fotos, tipologia das letras utilizadas e outros recursos imagéticos, que não farão parte desta análise, mas que merecem aqui um registro.

Vejamos, agora, o texto e o contexto revelados pelas reportagens.

## 4.1 - Análise do corpus: texto e contexto

Excluído: ¶

Na primeira reportagem selecionada, *Hey!, Arthur*,<sup>28</sup> o jornalista Arthur Veríssimo investiga o universo esotérico a partir da visita a um galpão no bairro da Mooca, zona leste da capital de São Paulo. Lá, haveria o 1º Avalon, encontro nacional dos esotéricos. Para isso, o repórter entra no clima medieval e se veste como o rei Arthur. A linha fina ressalta o caráter aventureiro da empreitada: “Existem poucos freak shows no planeta não testemunhados in loco por nosso repórter excepcional. Ele fez, de sua alcunha de batismo, notícia, e ostentou a coroa sem titubear. Direto do 1º Avalon, um encontro nacional de quem gostaria de ter nascido na Idade Média, Arthur finalmente se encontrou”. Ele assina a reportagem com a alcunha do personagem: “Rei Arthur Lancelot Veríssimo”. No destaque, um título estranho, que mistura latim com fórmulas mágicas (“Sinsalabim, hocus pocus, abracadabra”). Neste subtexto, o repórter faz uma entrevista com a bruxa Eddie Van Feu, a organizadora do evento.

Na foto, impossível não rir da contradição. Os personagens são austeros, mas as roupas, absolutamente inverossímeis. Espadas, capuzes, mandalas, mantos sagrados, malhas de ferro, guirlandas em pleno século XXI são motivos de estranhamento e de riso. O repórter assim sintetiza sua vestimenta num dado momento da reportagem: “Minha fantasia era um mix de rei Arthur com maluco beleza”. Nas entrelinhas, o autor revela como a loucura esconde um saber fatal, um

---

<sup>28</sup> VERÍSSIMO, Arthur. *Hey! Arthur*. Trip, Trip Editora, ano 18, n. 139, nov. 05.

grão de genialidade e divindade. Diz Foucault que “nas vãs imagens da parvoíce cega estão os grandes saberes do mundo”<sup>29</sup>.

Apesar do tom irônico, vale frisar que a reportagem não deixa de responder às questões básicas do *lead* tradicional:

- *Quem?*
- “Rei Arthur Lancelot Veríssimo.”
- *Fez o quê?*
- “Vestir-se de rei Arthur para cobrir um evento nacional de bruxaria.”
- *Onde?*
- “Imenso galpão da Fábrica 5, no bairro da Mooca, em São Paulo.”
- *Quando?*
- “Sábado, 13h07” (A data não é mencionada na reportagem, apenas o nome do evento: 1º Avalon).
- *Como?*
- “Minha fantasia era um mix de rei Arthur com maluco beleza. Soltei a franga e a imaginação (...) Coloquei uma pesada malha de ferro (30 quilos na balança), mas seu capuz me fez parecer com aquela sábia cobrinha azul dos antigos desenhos animados.”
- *Por quê?*
- “Viagem ao túnel do tempo, à lendária e imemorial Avalon”.

Nesse percurso, o repórter vai se colocando na narrativa como um observador: “Um grupo de bruxas dança e roda ao redor de um caldeirão soltando gargalhadas estridentes. Lançam feitiços para a audiência. Fico na miúda analisando a manifestação **atávica**”. O adjetivo, grifado por nós, impõe a opinião do

---

<sup>29</sup> FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 12.

autor sobre os fatos narrados. A qualificação aponta para algo negativo, porque ligado ao atavismo, ao reaparecimento de um caráter remoto, estranho, bizarro.

Além da narração editorializada,<sup>30</sup> o autor, no decorrer de todo o texto, manifesta o risco, o medo e o ridículo que sente naquela situação: “Um carrasco estranhíssimo, com o olhar vidrado de quem faz plástica e botox, aparece do nada balançando um machadão. Até perceber que ele estava brincando, gelei a espinha”, “Me perco da equipe da *Trip* e acabo num corredor escuro com um clarão esquisito ao final”, “Me espanto com a cena. Um pelourinho medieval novo em folha”, “O que percebo é que estão todos felizes e relaxados”, “Empunhei a espada e me dei bem”.

No relato, ganham espaço cores, sons, fórmulas mágicas, rituais e todo tipo de detalhe. Ao mesmo tempo em que o jornalista mergulha neste universo e reconstrói o espírito medieval, faz uma narrativa enviesada, que a todo momento ressalta as ambigüidades da vida moderna. Logo no começo da reportagem chama a atenção para o comércio que gira em torno do evento: “Minha impressão imediata foi constatar uma indústria e consumo de objetos relacionados com magia e bruxaria em estado avançado no Brasil. Dezenas de estandes de editoras, fabricantes de jóias, escolas e fornecedores de fantasias expõem seus preciosos objetos para delírio dos aficionados”. Ao falar da alimentação dos esotéricos, também não deixa de chamar a atenção para um ícone do capitalismo norte-americano, a empresa McDonald’s: “o carro-chefe predileto dos bruxos e feiticeiras de plantão é uma delicada iguaria de carne de javali assada no pão preto, o sanduba McJavali”.

---

<sup>30</sup> Editorial diz respeito ao texto opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação (jornal, revista etc.). Note-se como há uma fusão dos gêneros na reportagem: ora descrição, ora editorial, em razão do seu caráter opinativo e crítico. Para definição de termos jornalísticos, ver: RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

O autor também politiza o discurso no meio da narração. Quando se depara com uma espécie de Pelourinho medieval, em que a vítima fica com a cabeça e as mãos entaladas na madeira, lamenta: “Pensei que aquilo poderia ser de grande serventia à pátria atual, dependendo de quem encaixamos ali. Maldita democracia...”. Esses comentários provocam uma ruptura na narrativa e suscitam uma reflexão por parte do leitor. O contexto das interferências externas se completa. O texto se firma também como ato ilocutório, ou seja, orientado para influenciar o comportamento do receptor e como ato perlocutório,<sup>31</sup> responsável pelo efeito produzido no receptor ou alocutário. Esse contexto extraverbal demanda, obviamente, o conhecimento do receptor acerca da história do Brasil, das especificidades da democracia e dos comportamentos medievais ainda persistentes na sociedade.

Ao fim da reportagem, o autor insiste em politizar o discurso. Se o esotérico é uma viagem ao passado, a um universo meio “psicótico”, como define o autor na matéria, é preciso lembrar que vivemos em tempos de “mensalão”, isto é, do sistema espúrio de compra e venda de votos por parte dos representantes do poder. No dizer do autor: “Na despedida, um pequeno elemental esverdeado com orelhas pontudas recita uma nova fórmula para a vida na Terra em tempos de mensalão: ‘Esta situação não serve mais. Pelo universo, com a ajuda das bruxas ancestrais, com o poder da divindade, eu reciclo, eu transmuta, eu provo a mudança do que está para o que virá’. É, pobre leitor, não lute contra, pois será mais doloroso. Apenas aceite o destino: os alquimistas estão chegando”.

A interpelação do leitor e a utilização do imperativo funcionam como função exofórica ou contextual no texto, já que fazem referência a algo existente fora do

---

<sup>31</sup> Cf. conceituação de AUSTIN, J.L. *Quand dire, c'est faire*. Paris: Seuil, 1970.

discurso, aos participantes do ato comunicativo. O autor se refere ao falante, enquanto este se acha “fora” do mesmo texto. Dessa forma, ele cria um acordo tácito com o leitor e, deixa uma mensagem dúbia entre prudência e providência. Afinal, o esoterismo é o fim das utopias políticas ou o fim das utopias políticas é que levaram ao esoterismo? O epifânico é que viria socorrer os seres de um país injusto?

A pergunta não é respondida, mas incomoda. O irreal parece pretexto para tratar do real. Apesar da brincadeira e do sarcasmo, o autor focaliza a tragédia cotidiana do Brasil, envolto pela crise política, e faz questão de lembrar desse cenário real, mesmo quando ocupa um espaço quase cinematográfico, misto de “filmagem de Guerra nas estrelas com O senhor dos anéis, tendo como set o sítio do Raul Seixas” – conforme define o autor na reportagem.

Na segunda reportagem, intitulada *Podres poderes*, publicada em setembro de 2006,<sup>32</sup> Arthur Veríssimo narra as suas aventuras como gari investigando o lixo dos ministérios em Brasília. A linha fina, subtítulo que normalmente resume as principais informações da matéria, é editorializado: “Toda riqueza produz sua sujeira. Nosso repórter-aspirador desembarca na capital da República em véspera de eleição e, sem titubear, vai direto pro lixo. Mesmo. Confira o que ele encontrou (com a ajuda de farejadores locais) nos cinzeiros, lixeiras, lixinhos e caçambas de nosso cheiroso poder”. Mais do que introduzir o intuito da matéria, a linha fina apresenta o repórter como um herói que “investiga” segredos poderes por uma via inusitada.

O caráter heróico do repórter é reforçado pela foto que abre a matéria: nela, ele e seus ajudantes se apresentam vestidos como garis, com seus uniformes cor de laranja e bonés, todos com os braços cruzados, como se fizessem parte de uma

[SGON6] Comentário:

---

<sup>32</sup> VERÍSSIMO, Arthur. Podres poderes. *Trip*, Trip Editora, ano 19, n. 148, p. 130-134, set. 2006.

organização secreta, com fins nobres de investigação. O jornalista veterano desafia o jovem repórter: “Duvido você meter a mão aí e trazer o próximo Esso!”. Na frase, evidencia-se a crença do jornalista de que a reportagem feita por ele é diferenciada, digna de um prêmio. O Esso é um dos mais respeitados e disputados no meio jornalístico.

Excluído: o

A viagem a Brasília é uma abertura ao mundo, para os leitores, para o repórter veterano e para o repórter-aprendiz. O aprendizado do real se dá no aprendizado do espaço. A personalidade dos repórteres transparece, quanto mais eles se aproximam do desprotegido e do temeroso. Trata-se de uma reportagem com características de fábula projetiva, na medida em que funciona com instrumento de formação de personalidade dos leitores e do repórter-aprendiz. É a identidade, na concepção benjaminiana, que nos torna “senhores de nós mesmos”<sup>33</sup>.

Excluído: m

Na abertura da matéria, há um preâmbulo que explica as origens da pauta. Segundo a revista, a pauta fazia parte da promoção “Gonzo por um dia”. O estudante de jornalismo Carlos Eduardo Fonseca, de 25 anos, teria vencido o concurso ao propor a pauta sobre a investigação do lixo dos ministérios na Esplanada dos Poderes. O texto da revista endossa a importância do tema: “Boa pauta, ainda mais em véspera de eleições” (p. 132). Tanto os elementos verbais como os não-verbais apontam para o caráter investigativo da matéria. Há um ar de suspense, como se o grupo fosse desvendar algo fundamental sobre os bastidores do poder às vésperas da eleição. Não raro, despontam termos científicos e latinos para corroborar o caráter quase antropológico da matéria: “O ar seco do cerrado e os enigmas da cidade nos arrastaram imediatamente para nossa investigação: conhecer *in loco* os setores por onde faríamos nossa coleta de lixo”.

---

<sup>33</sup> BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

Excluído: o

Embora haja, pelas marcas textuais e pela foto, certa aura de idolatria pelo repórter na sua busca pela verdade, há também elementos que apontam para a sua ridicularização. A assinatura das matérias dá um tom jocoso aos personagens: Arthur-Sopave-Veríssimo e Cadu-Gari-Fonseca, de Brasília. Ao primeiro, associa-se o nome de uma empresa de lixo; para o repórter-aprendiz, o substantivo comum torna-se próprio, incorporado à sua marca.

O texto tem um tom crítico desde o princípio. No *lead*, ao contrário da objetividade apregoada nos manuais de jornalismo, o repórter apresenta uma tese: “O coração, a mente e espírito dos brasileiros estão focados nas eleições que se aproximam. Nada melhor que mergulhar nas entranhas e sujeiras do lixo dos poderosos para dar um diagnóstico de quais são as preocupações dos mandatários. Afinal, se você é o que você come, você também é o que expele”. Os juízos de valor estão postos desde o princípio, mesmo que com hipérboles (“mergulhar nas entranhas”) ou frases feitas (“se você é o que você come”...).

Apesar de todos os recursos estilísticos analisados aqui, a reportagem não deixa de responder às questões básicas do lead tradicional:

- Quem?

- “Arthur-Sopave-Veríssimo e Cadu-Gari-Fonseca.”

- Fez o quê?

- “Incorporar em nossas páginas a investigação do lixo.”

- Onde?

- “Ministérios na Esplanada dos Poderes, em Brasília.”

- Quando?

- “Às vésperas das eleições.”

- Como?

Formatados: Marcadores e numeração

Formatados: Marcadores e numeração

Formatados: Marcadores e numeração

Formatados: Marcadores e numeração

Formatados: Marcadores e numeração



- “Na bagagem, quatro outfits completos de garis para a perfeita camuflagem de nossa operação.”

- Por quê?

- “Mergulhar nas entranhas e sujeira do lixo dos poderosos para dar um diagnóstico de quais são as preocupações dos mandatários.”

Formatados: Marcadores e numeração

As legendas das fotos também são editorializadas. Elas não se resumem a fazer uma descrição da foto; o texto opta pela interpretação dos fatos. Na foto em que o grupo acha garrafas de uísque e espumante em meio ao lixo pertencente ao Ministério das Relações Exteriores, a legenda revela: “o verdadeiro jornalismo trash é pra poucos. Nestas páginas, Arthur, Cadu e comparsas analisam a dose ética e etílica de ministérios”. O título da matéria (“Podres poderes”) e do box, espécie de subtítulo, (“Os diálogos do saco”) também atraem o leitor pela sonoridade, no primeiro caso, e pela ironia. Ao contrário das reportagens tradicionais, a informação bruta não vem no texto, mas nas legendas ou no olho<sup>34</sup> (também conhecido por “chamada”, utilizada para fisgar o leitor). Assim, em letras pequenas da legenda, lê-se: “lixeiros em ação na capital: 2,4 mil toneladas/dia, e no olho: “Um total de 3000 pessoas vivem do lixo brasileiro”. Tais recursos sugerem que, ao autor, é dada a total liberdade narrativa; mas ao editor cabe o cuidado de organizar espaços estratégicos com as funções mais referenciais da linguagem.<sup>35</sup> Com tal opção editorial, o jornalista tem total liberdade narrativa, sem se prender às informações básicas, normalmente os números que tanto agradam aos jornalistas em razão da aura de imparcialidade e objetividade que reveste o seu trabalho.

<sup>34</sup> Sua função é destacar algum trecho da reportagem por meio de letras em negrito ou de tipografia diferenciada.

<sup>35</sup> Cf. JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

A descrição sobre as dificuldades em burlar a segurança são entremeadas por teses. Note-se como os parágrafos se iniciam por tópicos frasais: “*Não é novidade que a latrina da corrupção no Brasil transborda por todos os lados.*”<sup>36</sup> Mentiras, inquéritos, desvio sistemático de dinheiro público, sonegação de impostos, superfaturamento de serviços, remessas ilegais de dinheiro para o exterior e muitas mordomias. Diariamente somos expostos aos escândalos”. Note-se, neste trecho final, a opção pela primeira pessoa do plural. O leitor é automaticamente incluído no texto e, por consequência, nas teses defendidas pelo autor. O pronome exerce uma função exofórica ou contextual, na medida em que faz referência a algo existente fora do texto, aos participantes do ato comunicativo.

Na aparente descrição, há opção pelo contraste. Ao informar onde ficam acampados os catadores de lixo, não deixa de se indignar que seja perto da sede de uma das instituições mais influentes do mundo: “o inacreditável é que os famélicos acampam atrás do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento)” (p. 133). O repórter não só se passa por gari, como também sente empatia pelo objeto de sua investigação. Ele sente na pele a exclusão: “os seguranças nos olhavam com um misto de prepotência e tédio” (p. 134), e as dificuldades de sobrevivência da categoria: “Os catadores contaram que a disputa pelo lixo gera uma batalha diária. Eles brigam com as empresas de reciclagem de lixo, com os seguranças, polícia e ainda com outros catadores. **Muita treta e porrada**”<sup>37</sup> (p. 133). O trecho grifado funciona quase como uma anáfora conceptual.<sup>38</sup> O enunciado grifado é interpretativo

---

<sup>36</sup> Grifos meus. Tópico frasal é a frase-núcleo de um parágrafo. Cf. GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1965.

<sup>37</sup> Grifos meus.

<sup>38</sup> Cf. Elisa Guimarães: “o avanço do discurso se opera por força de uma recapitulação interpretativa – procedimento de ‘economia’ ou condensação que alivia a carga lingüística de elementos de retomada, ao mesmo tempo em que preserva a unidade de conteúdo”. In: \_\_\_\_\_. *A articulação do texto*. Op. Cit. p. 33.

do que se disse antes a respeito da situação dos garis. O enunciado tem, assim, um caráter interpretativo.

No âmbito da substituição léxica, vale ressaltar como o repórter nomeia o grupo: “comparsas”, “nossa comitiva fantasiada”, “quatro outfits completos de garis”, “camuflagem perfeita”, “circulamos como ninjas-abóboras”, p. 133) e, até mesmo, “Mossad”, serviço secreto israelense, considerado um dos mais eficazes do mundo. “Até a Mossad tem seus tempos difíceis”, compara o repórter, a fim de mostrar que os obstáculos existem mesmo para eles, os destemidos.

Entre os substitutos lexicais, destacam-se o uso de hiperônimos e as palavras gerais. O termo privilegiado no texto é o lixo. O vocábulo é reiterado com sinônimos e ampliações como: “sujeira”, “tranqueiras”, “imundas”, “azedada” e “imundície”. Dentre os verbos relacionados ao universo do lixo estão: “expelir”, “desovar”, “feder”, “meter a mão na massa”, “mergulhar nas entranhas” e “apodrecer”. Dentre as comparações, há destaque para as metáforas ligadas ao corpo humano, notadamente ao intestino: “intestino grosso”, “movimentos peristálticos”, “no reto de Cuba”.

O resultado da empreitada aparece na narração editorializada do repórter (“Papelada, restos de comida, documentos pessoais, agendas de secretários saltavam diante de nossos olhos”) ou no seu caráter de denúncia (“Já no do Ministério da Cultura, objetos seminovos jaziam em meio à podridão. Pra que reciclar?”). A grande descoberta da reportagem se deu ao vasculhar o lixo de um ministério em especial: “o lixo mais *suntuoso* foi detectado no Ministério das Relações Exteriores. *Voilà!* Garrafas do mais fino whisky, vinho e champagne tilintavam entre imensos arranjos de flores ainda novinhos, embelezando o contêiner de lixo. Que *maravilha...*”. Os termos grifados estão imbuídos de significados. A

adjetivação traz em si a própria opinião do autor. O dêitico “voilà”, do francês, que em português pode ser traduzido por “eis aqui”, traz em si uma ambivalência, tanto remete ao entusiasmo pelo achado, quanto à certeza do autor de que encontraria algo suspeito. O galicismo também torna o texto mais sofisticado, numa sintonia fina com os artigos de luxo que o autor conseguiu extrair do lixo.

A fartura e variedade dos objetos encontrados no lixo de Brasília fazem o repórter se vangloriar da descoberta e generalizar a experiência: “O resultado e moral da história é que tanto o lixo que circula pelos ministérios como a corrupção do país continuam intocáveis. O que visualizamos é apenas a ponta do iceberg de toneladas de histórias de um país enigmático”. Para referendar a tese, o autor recorre a autoridades. Ele cita o juiz aposentado Walter Maierovitch, que assim define o atual contexto sociopolítico brasileiro: “Estamos vendo um Brasil que apodrece com mensaleiros e sanguessugas”. Essa espécie de texto-enxerto tem uma função conclusiva: não há ética na classe política brasileira. Os escândalos – cadáveres adiados – procriam: “CPIs, Valerioduto, Banestado, Operações Anaconda, Sanguessugas, Dominó. E, o mais popular dos escândalos recentes, o arrasa quarteirão Mensalão. Em quem devemos votar no dia 1º? Sei lá?”. A expressão final significa uma angústia, mas também um engajamento. Diante de todo o quadro apurado, evidenciado, pesquisado, virar as costas não resolve. Um “sei lá” parece muito pouco. Com essa frase incômoda, encerra-se a reportagem.

## 4.2 - Jornalismo Gonzo: macro e microestruturas

Após observarmos o texto como um todo, neste capítulo a proposta é destacar apenas alguns elementos microtextuais. Em razão das características apresentadas pelas duas reportagens, é possível apontar as seguintes confluências: a) semelhança narrativa — ambas as matérias contêm recursos da linguagem coloquial, utilização da primeira pessoa, gírias e estrutura ao estilo gonzo; b) envolvimento — há um envolvimento profundo e pessoal do autor no processo de elaboração da matéria, pois ele se utiliza de uma narrativa confessional, que inclui impressão pessoal e comentários; e c) irreverência e sarcasmo — há a preferência pela utilização dessas figuras e recursos de linguagem na narrativa.

Convém analisar separadamente cada uma dessas confluências a fim de se definir as especificidades do gênero gonzo. No que toca à semelhança narrativa, Hunter Thompson identifica como uma das importantes características do JG a narração em primeira pessoa, cuja intenção é imprimir legitimidade às histórias contadas pelo jornalista. Para ele, a forma coloquial de redação das matérias, o emprego de gírias e a opinião do repórter aproximavam o locutor do alocutário, criando, com isso, uma atmosfera de “intimidade e cumplicidade” (THOMPSON, 2004, p. 73). Este estilo de narrativa também é empregado pelo Jornalismo Literário e pelo *New Journalism*, cujas características, dentre outras, foram incorporadas pelo Jornalismo Gonzo. A forma de narrativa coloquial, livre de qualquer amarra, é cumprida à risca pelo JG.

Na questão do envolvimento do autor, os textos analisados no capítulo 4.1 endossam os pressupostos defendidos pelos teóricos que estudam o Jornalismo Gonzo. As matérias selecionadas apresentam o envolvimento profundo e pessoal do jornalista. A narrativa confessional e as impressões pessoais surgem como tentativas de atrair o leitor para o “cotidiano” em que a matéria foi elaborada. Como explica Tom Wolfe, a intenção era “começar uma história deixando o leitor, via narrador, falar com os personagens” (2004, p. 31).

Felipe Pena, um outro estudioso do assunto, complementa que “é preciso viver as reportagens para poder relatá-las (...). O Jornalismo Gonzo consiste no envolvimento profundo e pessoal do autor no processo de elaboração da matéria. Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem” (PENA, p. 57).

Quanto ao sarcasmo e à irreverência, o estudioso Felipe Pena reitera que toda matéria do Jornalismo Gonzo deve se utilizar desses recursos. A intenção é fazê-lo sair do lugar comum e isso só pode ser feito de forma irreverente. “Tudo que for narrado é a partir da visão do jornalista. Irreverência, sarcasmo, exageros são características do jornalismo gonzo” (PENA, p. 57).

Tais confluências permitem dizer que existe um gênero textual específico para o Jornalismo Gonzo? Na definição de um importante lingüista brasileiro, Luiz Antônio Marcuschi, os gêneros são:

(...) o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais de nosso dia-a-dia (...), mais do que uma forma o gênero é uma “ação social tipificada”, que se dá na recorrência de situações que tornam o gênero reconhecível. (...) o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. (...) Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros

pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural. (MARCUSCHI, 2006, p. 24)

Nesse sentido, que traz em si a idéia de hibridismo, pode-se concluir que o Jornalismo Gonzo é um gênero do discurso jornalístico. O leitor o reconhece como tal, pois o “consume” há 15 anos (período em que esse gênero é publicado na revista). Ainda que não saiba classificá-lo, o leitor percebe que nele há uma especificidade lingüística. Durante todo esse período, o leitor não apenas utilizou esse gênero como possibilidade de se informar, mas também como veículo para se divertir, entreter e conhecer alguns fatos que representam a vida cotidiana do brasileiro. |

O jovem é o público-alvo da revista. Isso está posto em sua linha editorial e foi reafirmado pela direção executiva da revista em entrevista para este trabalho. Dessa forma, a revista cumpre com o que foi declarado: ser uma porta-voz do que há de mais contemporâneo na narrativa jornalística. Entendemos por estilo “contemporâneo” a novidade, o fazer diferente, visto que o seu público tem esse anseio pelo novo.

Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, distingue os gêneros em primários e secundários. Os primários referem-se, principalmente, à comunicação discursiva espontânea, que ocorre no âmbito privado, em situações imediatas de produção. Constituindo-se, em sua maioria, de tipos de diálogos, situações de interação face a face. Já os secundários são relacionados a outras esferas públicas e mais complexas de interação social. Tal concepção de gênero bakhtiniana não é estática e está sujeita às mudanças e transformações sociais. Ele também absorve e transforma historicamente os gêneros primários. Os secundários se distanciam do imediatismo e

**[SGON7] Comentário:**  
Irrelevante. Deve-se partir do texto para o contexto. Quanto mais se demora a entrar no objeto de análise propriamente dita, mais o leitor fica com a impressão de que se está “jogando conversa fora”. Esses dados já foram postos anteriormente, quando você dê um panorama da revista.

da produção cotidiana. Referem-se, portanto, a uma esfera de dimensão cultural mais complexa, como os romances, pesquisas científicas, entre outros.

De acordo com essa conceituação, podemos considerar, portanto, que a revista e o Jornalismo Gonzo estão situados no âmbito do gênero do discurso secundário.

No texto 1, cujo título é *Hey Artur*, pode-se observar que, no primeiro parágrafo da reportagem, a tradicional técnica narrativa do *lead* dá lugar a uma linguagem essencialmente coloquial, com características marcantes de oralidade, e que dialoga constantemente com o leitor. São exemplos dessa prática os seguintes trechos: “(...) liberou a área? Então invoquemos os guardiões do além e os xaropes neomedievais (...) Segurem: ‘círculo dos mistérios, círculo da luz! Eu te abençoação (...) O assunto está muito esotérico? Nem começamos... (...) Nosso Bruxo-mor, Paulo Coelho, aprovaria este evento ou estaria ele representado por alguma coleguinha?”. Repare, ainda que, neste vocábulo (“coleguinha”), o emprego do diminutivo imprime ironia ao termo e cria uma relação de afetividade/intimidade com o leitor.

A narração é apresentada na primeira pessoa, com a intenção de imprimir legitimidade às histórias contadas: “**Minha** impressão imediata foi constatar uma indústria e consumo de objetos relacionados com magia e bruxaria em estado avançado no Brasil. Dezenas de estandes de editora, fabricantes de jóia (...) **Minha** fantasia era um mix de Rei Artur com maluco beleza”.<sup>39</sup>

Apesar de não analisarmos os recursos imagéticos da reportagem, consideramos importante citar que o repórter aparece em fotos, no decorrer da matéria, usando uma reprodução das vestimentas de um guerreiro da Idade Média, similar às do rei Arthur, uma figura da história inglesa, o que acentua o caráter irreverente do fato narrado e instiga o leitor a perceber que ele se transformou em personagem da própria

---

<sup>39</sup> Os grifos são meus.



história para melhor narrá-la — mais um indício do caráter confessional da narrativa. Tal explicitação instiga o leitor a ter um primeiro contato com o texto e a entender o que estava sendo proposto na reportagem.

Já no início do texto analisado, é possível identificar marcas explícitas que reforçam o caráter confessional da reportagem. Os termos empregados apontam para uma tentativa de inserir o leitor no contexto onde ocorre o fato: “Preparem-se para uma viagem ao túnel, à lendária e imemorial Avalon, a das Brumas. Sim, é vero, é Veríssimo. Ao mundo dos celtas, druidas, bruxas, feitiços, esbats e sabats”.

A descrição física e a percepção do jornalista acerca da personalidade dos personagens, descritos na reportagem, também fazem parte dessa narrativa. “Na verdade, a principal característica dessa vertente é escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação” (PENA, 2006, p. 57). Como exemplos dessas características, tem-se os seguintes trechos: “Nossa anfitriã é uma das organizadoras da festança, a bruxa Eddie Van Feu, explicava todos os detalhes com seus enigmáticos olhos azul-esverdeados. Eddie é pop. (...) atende os curiosos e equipes de TV com muito charme e sedução. Nada escapa aos seus sentidos”. Note-se, neste trecho, uma profusão de adjetivos e caracterizações (“enigmáticos”, “pop”, “com muito charme e sedução”) e, no nível morfológico, sufixos que imprimem qualificação aos objetos (caso de “festança”, por exemplo).

Em outra parte do texto, é possível identificar comentários pessoais do locutor acerca do fato narrado. Eles mostram sua postura crítica diante de um encontro que, a princípio, poderia parecer simplesmente fantasioso e inocente, mas que revela uma outra faceta: “minha impressão imediata foi constatar uma indústria e consumo de objetos relacionados com magia e bruxaria em estado avançado no Brasil. Dezenas de

estandes de editoras, fabricantes de jóias, escolas e fornecedores de fantasias expõem seus preciosos objetos para delírio dos aficionados”.

A assinatura especial também merece menção. A reportagem é assinada pelo jornalista Arthur Veríssimo, que aqui ganha titulação e sobrenome, inspirados na história que está sendo narrada: Rei Arthur Lancelot Veríssimo. O sarcasmo e a irreverência na forma como se nomeia o locutor despertam a atenção do leitor e podem ainda causar confusão. Afinal, o Arthur, referido no título, liga-se, de alguma forma, ao rei, que viveu na Idade Média ou ao repórter, que também se chama Arthur, e aparece vestido com trajes semelhantes aos usados na Idade Média, numa foto estampada no início da reportagem? Esse recurso de inserir no nome do repórter elementos que possam identificá-lo com o fato narrado é comumente empregado nas reportagens do Jornalismo Gonzo e aparecem nas análises dos textos 1 e 2.

Também no início do texto analisado, identificamos marcas explícitas que reforçam o caráter confessional da reportagem, numa tentativa de inserir o leitor no contexto onde ocorre o fato: “preparem-se para uma viagem ao túnel, à lendária e imemorial Avalon, a das Brumas. Sim, é vero, é Veríssimo. Ao mundo dos celtas, druidas, bruxas, feitiços, esbats e sabats”. Nota-se aí o trocadilho “vero”, termo italiano que designa “verdade”, e Veríssimo, nome do autor, vocábulos que foram unidos em razão da proximidade sonora. O trocadilho, em meio à descrição, cria um efeito de estranhamento no leitor, que se sente como que batendo um papo com o autor.

**[SGON8] Comentário:** Já foi dito.

A irreverência e o sarcasmo voltam a aparecer em diversos momentos do texto conforme transcrevemos: “um carrasco estranhíssimo, com o olhar vidrado de quem faz plástica e botox, aparece do nada balançando um machadão. Até perceber que ele estava brincando, gelei a espinha”, “Minha fantasia era um mix de rei Arthur com maluco beleza. Soltei a franga e a imaginação na Guilda dos Armadores colocando

uma pesada malha de ferro (30 quilos na balança), mas seu capuz me fez parecer com aquela sábia cobrinha azul dos antigos desenhos animados... Não liguei. Finalmente estava montado para as atividades do balacobaco”.

Explora-se aí, com percuciência, o recurso do riso: rir de si próprio e dos demais personagens. Henri Bergson, autor de um clássico sobre o tema (*Le rire*, 1901), acreditava que a impressão cômica resultava de um comportamento mecânico, quase que grotesco. Em suas palavras, o riso é sempre social, cômico e essencialmente humano. Mas há um limite: o escracho começa quando termina a comoção.

Quando a pessoa do próximo deixa de nos comover, só aí pode começar a comédia. E começa com o que se poderia chamar de enrijecimento para a vida social. É cômico a personagem que segue automaticamente seu caminho sem se preocupar em entrar em contato com os outros. (BERGSON, 1980, p. 15)

Assim o relato de Arthur transita por esses limites, sem, no entanto resvalar para o escracho. Como se procurou demonstrar no capítulo 4.1, mesmo no texto aparentemente apolítico, como o primeiro que aborda o esoterismo, há um comprometimento por parte do autor. O autor não abandona a comoção e o senso crítico ao narrar. Tem-se, assim, a ironia, mas jamais o escracho — na concepção proposta por Bergson.

Na primeira reportagem, novas marcas de irreverências são reveladas: “soltei a franga e a imaginação na Guilda dos Armadores (...) O carro-chefe predileto dos bruxos e feiticeiras de plantão é uma delicada iguaria de carne de javali assada no pão preto, o

sanduba MacJavali (...) Imagine uma filmagem híbrida de Guerra nas Estrelas com o Senhor do Anéis. Tendo como *set* o sítio do Raul Seixas”.

No segundo texto, a reportagem *Podres poderes*, também identificamos algumas marcas de uma linguagem que se apropria dos recursos orais na narrativa. Ela é transcrita na primeira pessoa, como um testemunho e tem o emprego livre de gírias. Reproduzimos, a seguir, algumas partes que corroboram a afirmação: “muita treta e porrada”, “passamos batido em nossa tarefa...”, “No Ministério da Fazenda, a barra está limpa... o ministério da Previdência Social é uma boa pedida porque está rolando uma discussão intensa no Congresso...”, “Nossa primeira investida foi conversar com os garis...”.

“Nada melhor que mergulhar nas entranhas e sujeira do lixo dos poderosos para dar um diagnóstico de quais são as preocupações dos mandatários. Afinal, se você é o que você come você também é o que expele.” Nessa transcrição do início da reportagem, podemos identificar marcas do envolvimento do jornalista na construção da reportagem narrada.

O fato de o repórter e os auxiliares se vestirem de garis transforma-os em personagens de sua própria matéria. O autor se utiliza desse artifício a fim de se infiltrar o máximo possível no objetivo da matéria, para transmitir ao leitor as sensações e o que for possível descobrir no exercício dessa profissão. Vejamos, agora, alguns trechos que mostram claramente o “mergulho” do repórter na matéria. Note-se como ele se insere na história: “era manhã e circulamos como ninjas-abóbora”, “...camuflagem perfeita”, “...nossa comitiva fantasiada com os uniformes alaranjados de gari”. Além dessas citações literais, ainda podemos observar o repórter e os outros “auxiliares” vestidos de gari em fotos durante toda a extensão da reportagem. Arthur Veríssimo, o ganhador de um concurso da revista intitulado “Gonzo por um dia” e

outros dois comparsas (assim denominados na matéria) iniciam “uma investigação do lixo dos ministérios na Esplanada dos Poderes, em Brasília” — assim é o epíteto apresentado pela própria revista para sintetizar a matéria.

O caráter confessional e as críticas dão o tom da narrativa. Veja-se pelo seguinte trecho: “Não é novidade que a latrina da corrupção no Brasil transborda por todos os lados. Mentiras, inquéritos, desvio sistemático de dinheiro público, sonegação de impostos, superfaturamento de serviços, remessas ilegais de dinheiro para o exterior e muitas mordomias. Diariamente somos expostos aos escândalos e arapucas que a classe dominante de políticos e empresários desova incessantemente na maior cara dura. Virou rotina acompanhar na mídia impressa, na eletrônica e na padaria os disparates e roubos dos poderosos e seus asseclas”.

Há uma análise particular dos fatos. Não há uma exposição ausente de adjetivações e comentários: “o resultado e moral da história é que tanto o lixo que circula pelos ministérios como a corrupção do país continuam intocáveis. O que visualizamos é apenas a ponta do iceberg de toneladas de histórias de um país enigmático”.

No box,<sup>40</sup> ao lado da matéria, é inserido o testemunho de um leitor que ganhou o concurso de melhor sugestão de pauta e como prêmio também “viveu um dia” de jornalista gonzo, auxiliando o repórter Arthur Veríssimo na elaboração da matéria.

---

<sup>40</sup> Cf. Rabaça: “Espaço, geralmente delimitado por fios, que traz informações adicionais ao corpo de uma matéria jornalística ou anúncio publicitário. O texto do box é quase sempre composto em tipo diferente do restante da matéria. No noticiário internacional de jornais ou revistas, por ex., é comum publicar em boxes, abaixo de determinadas notícias historicamente marcantes, um relato retrospectivo sobre o fato, a situação do país, suas características geográficas, sociais etc. (...) Do ingl. *box*, caixa. In: RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Ática, 1987. p. 82.

No trecho que destacamos, ele descreve a forma essencial de se fazer JG, quando relata que, ao vestir a “fantasia” de gari, o jornalista dá “ordens” para iniciar o processo de coleta e elaboração da reportagem: “Trajado, Arthur mudou de figura: ‘Vamos lá, vamos fazer jornalismo!’. E começamos a enfiar a mão no primeiro contêiner à procura de fatos ou qualquer indício de irregularidade”.

Nessa segunda reportagem, a irreverência e o sarcasmo, marcas de todo JG, aparecem em vários trechos, como reproduzimos aqui: “Percorreríamos o intestino grosso da capital testemunhando seus movimentos peristálticos mais encalacrados”. Surgem aí metáforas como a associação entre lixo e intestino. A cidade de Brasília, capital federal do país e centro do poder, surge como cloaca de uma política escusa.

Quando se refere à vestimenta de gari, o primeiro texto traz marcas também de irreverência e sarcasmo contra a própria condição em que o repórter se encontra. A seguir, reproduzimos mais indícios de sarcasmo e irreverência: “O disfarce funcionava, apesar de poderem nos confundir com afegãos foragidos da prisão americana de Guantánamo, no reto de Cuba”, “na caçamba do Ministério da Previdência Social e na do Trabalho e Emprego, o lixo orgânico fedia como restos de fim de feira azeda”, “nosso último mergulho na imundície coincidiu no Ministério da Fazenda, onde o lixo orgânico dividia espaço com enormes sacos de papel higiênico. Nossa dedução é que nessa área o pessoal come muito e, aparentemente, ninguém está enfezado”, “que maravilha... Já no Ministério da Cultura, objetos seminovos jaziam em meio à podridão. Pra que reciclar?”.

Pela análise de estruturas macro e microestruturais, pôde-se observar a recorrência de procedimentos lingüísticos nos dois textos. As confluências existem apesar de os textos serem tematicamente e temporalmente distantes. Dessa forma, embora não sigam modelos rígidos, tornou-se evidente na análise que o gênero do

Jornalismo Gonzo está associado à recorrência de certas especificidades e parâmetros.

Excluído: ¶  
¶

### 4.3 - Gêneros do discurso: em busca de uma análise

Um texto se constrói necessariamente no plural. Para Pêcheux,<sup>41</sup> referência básica para se entender a análise de discurso da escola francesa, o discurso é o efeito de sentido entre locutores e esses efeitos são múltiplos. Um mesmo objeto pode ter diferentes sentidos para os sujeitos. Se é impossível apreender esses significados, cabe-nos aqui tentar aplicar algumas práticas teóricas apreendidas nesse percurso.

Pode-se afirmar que as especificidades do Jornalismo Gonzo estão na investigação do fato e na redação do texto. Falar diretamente ao leitor é uma característica frequentemente utilizada. O leitor fica ciente de todas as interferências tanto na captação da informação quanto na forma com que o jornalista a transmite ao público.

No texto 1, de forma geral, podemos considerar que o fato de o jornalista “estar in loco no primeiro evento dos apaixonados e militantes da magia, histórias medievais, bruxaria” narrando o encontro, no qual existia um público interessado no

---

<sup>41</sup> A sustentação fundamental da análise do discurso, para Pêcheux, é observar o discurso como lugar de “contato” entre língua e ideologia, sem substituir uma teoria pela outra. Cf.: “Nous soulignons encore une fois que la théorie du discours ne peut en aucune façon se substituer à une théorie de l'idéologie, pas plus qu'à une théorie de l'inconscient, mais qu'elle peut intervenir dans le champ de ces théories”. PÉCHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Dunod: Paris, 1969. p. 110.

assunto, faz do gênero um mecanismo de consonância com este público; um mecanismo que representa este público e “conta” para toda a sociedade, por meio da revista, do que se trata tal encontro. Marcuschi nos lembra que “um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio-discursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual” (MARCUSCHI, 2003, p. 25).

Mais à frente, o texto mostra outros indícios do que acabamos de afirmar: “Nossa anfitriã é uma das organizadoras da festança, a bruxa Eddie Van Feu (...) e sua legião de discípulos e fãs extrapolou o território brasileiro. Sua série mensal de livros Wicca, da editora Linhas Tortas, já vendeu mais de 300 mil exemplares, mais que quase qualquer autor cabeça do circuito USP/Vila Madalena/Baixo Gávea...”.

No texto 1, no que concerne à funcionalidade, especificamente, vale destacar os seguintes trechos: “minha fantasia era um mix de rei Arthur com Maluco Beleza. (...) finalmente estava montado para as atividades do balacobaco. E saí circulando pelos ambientes”, “um grupo de bruxas dança e roda ao redor de um caldeirão soltando gargalhadas estridentes. Lançam feitiços para a audiência”.

A funcionalidade dos gêneros é detectada à medida que eles se integram nas culturas em que se desenvolvem. Além de o caráter de funcionalidade aparecer também na análise da estrutura do gênero, identificamos ainda algumas marcas que referendam tal afirmação, tais como: a vivência do repórter na elaboração das duas matérias; a forma como ele promove uma imersão na história; incluindo as vestimentas que são utilizadas para que ele se aproxime ainda mais do fato.



Nos textos 1 e 2, quanto aos gêneros primários e secundários, cumpre esclarecer as distinções feitas por Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (1992). Os primários referem-se, principalmente, à comunicação discursiva espontânea, que ocorrem no âmbito privado, em situações imediatas de produção. Já os secundários são relacionados a outras esferas públicas e mais complexas de interação social. Tal concepção de gênero bakhtiniana não é estática e está sujeita às mudanças e transformações sociais. Os secundários se distanciam do imediatismo e da produção cotidiana. Referem-se, portanto, a uma esfera de dimensão cultural mais complexa, como os romances, pesquisas científicas, entre outros.

**[SGON10] Comentário:**  
Checar se é mesmo nesta obra.

**[SGON11] Comentário:**  
Vários trechos foram cortados porque esse parágrafo está, *ipsis literis*, igual ao citado anteriormente no capítulo referente a gêneros.

**Formatados:** Marcadores e numeração

Nesse sentido, podemos considerar, portanto, que a revista e o Jornalismo Gonzo estão situados no âmbito do gênero do discurso secundário.

No caso do texto 2, quando a revista promove um concurso para o leitor que quiser ser “gonzo por um dia” e recebe “centenas de sugestões criativas e *sui generis*”, o texto indica a participação efetiva do leitor neste gênero. E ainda: tal concurso revela a aceitação e a empatia para com esse gênero de reportagem. Isto é, o leitor identifica a revista como um veículo que incorpora, em sua linha editorial, tal gênero do discurso e o faz representante de suas vontades, na medida em que sugere pautas e que se manifesta favorável à participação no processo de elaboração das matérias do referido gênero.

O mesmo leitor-gonzo, vencedor da promoção, “ganha” um box especial, no qual declara suas impressões: “Arthur (referindo-se ao repórter da revista) chegou em Brasília empolgadíssimo (...) trajado, Arthur mudou de figura: ‘vamos lá, vamos fazer jornalismo!’”. Dessa forma, legitima-se o gênero, por conta de mais uma característica: a interacional.

No caso do texto 2, podemos destacar os seguintes trechos que promovem indícios da funcionalidade do gênero: “O coração, mente e espírito dos brasileiros estão focados nas eleições que se aproximam. Nada melhor que mergulhar nas entranhas e sujeira do lixo dos poderosos para dar um diagnóstico de quais são as preocupações dos mandatários”, “o ar seco do serrado e os enigmas da cidade nos arrastam imediatamente para nossa investigação: conhecer *in loco* os setores por onde faríamos nossa coleta de lixo”.

Nesse sentido, os gêneros determinam também a distribuição e o consumo dos textos. As singularidades de um gênero estão vinculadas também às trocas culturais e à “marketização” que envolve a sociedade moderna. Daí a relação de discurso com instituição. Para Foucault (1996), há um conceito de ordem de discurso. A produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por meio de uma série de processos.

No caso da reportagem da *Trip*, o processamento do assunto por uma ótica explicitamente subjetiva, irônica e questionadora desemboca em percepções muito além do mero relato, refletindo criticamente os diversos aspectos que compõem a sociedade. Mas, por outro lado, não se pode deixar de lembrar, pensando ainda em Foucault (1996), que a fórmula acabou sendo institucionalizada na revista em razão do sucesso de vendas e do impacto no público consumidor.

Embora as reportagens não sigam modelos rígidos, tornou-se evidente no decorrer deste trabalho que o gênero está associado à recorrência de certas especificidades e parâmetros. O gênero se abre à criatividade, mas traz em si o reconhecimento de forma e conteúdo convencionalizados dentro de uma comunidade e que permitem classificá-lo como tal. Eles pressupõem um acordo tácito entre produtores e consumidores, escritores e leitores do(s) gênero(s).

## Concluindo e indagando: gênero ou gêneros?

*“Um livro deve valer por tudo o que*

*nele não deveu caber.”*

*(Guimarães Rosa, Tutaméia)*

Um texto só ocorre no ponto de convergência de diferentes gêneros. Mas como classificar o gênero do Jornalismo Gonzo? Ele seria um gênero, um único gênero ou uma junção de vários? No decorrer deste trabalho, buscamos nos munir da teoria antes de adentrar na análise do corpus e tentar responder às questões. Uma longa e aparente digressão pela história do jornalismo e do suporte preferencialmente utilizado pelo Jornalismo Gonzo, a revista, se fez necessária para entendermos melhor as raízes e os bastidores desse tipo de texto.

Reunimos reflexões várias, contribuições de diferentes escolas, por vezes contraditórias e distantes umas das outras, num percurso que nos obrigou a uma reflexão sobre muitos temas antes de entrar no principal, a análise do corpus. Apesar dos riscos de imprecisões e reducionismos, o trajeto se revelou necessário para uma compreensão mais ampla do próprio objeto de estudo. O estudo dos gêneros textuais implica necessariamente uma interdisciplinaridade, por isso se justificaram os percursos pela história do jornalismo e pela lingüística. A própria análise do discurso se constituiu, nos anos de 1960, a partir de contribuições

interdisciplinares, especialmente nas áreas de conhecimento que provocaram rupturas no século XX, da lingüística ao marxismo e à psicanálise.

Procuramos, no decorrer do trabalho, evitar a postura estrutural e os rótulos. Se o gênero é, por essência, flexível e variável, assim como o componente de que é feito, a linguagem, não caberia em um estudo de formalismo reducionista, ainda que, em alguns momentos, tenhamos optado por enveredar pelos aspectos microestruturais do texto.

Mais do que concluir e fixar um gênero, a dissertação buscou fomentar as discussões e abrir possibilidades de investigação sobre os gêneros do discurso, em especial, sobre o Jornalismo Gonzo. A importância de estudar o tema se justifica pela própria dinâmica da linguagem. Os novos meios de comunicação como, por exemplo, a televisão, o rádio, a internet e a revista, em especial, ajudaram não só a difundir o gênero do Jornalismo Gonzo, como também contribuíram para o surgimento de novas formas discursivas. Não se pode negligenciar a importância de analisar essas formas contemporâneas de comunicação e que mudaram o próprio comportamento humano.

É importante destacar que este gênero do discurso, o Jornalismo Gonzo, não é uma inovação absoluta, já que, como reafirmamos no decorrer do trabalho, os gêneros são essencialmente flexíveis e variáveis, pois fundem-se a outros já existentes, adquirem características peculiares, imbricam-se e estão, enfim, em constante evolução. Assim como a língua varia, os gêneros também variam, adaptando-se, renovando-se e multiplicando-se constantemente. Faz-se necessário destacar, ainda, que o Jornalismo Gonzo se apropriou de características do Jornalismo Literário, do *New Journalism* e criou suas próprias características, o que reforça, dessa forma, o caráter híbrido do gênero.

Quando tratamos o gênero do Jornalismo Gonzo como novo, não queremos, com isso, dar-lhe caráter de exclusividade, pois, como foi enfatizado no decorrer deste trabalho, os gêneros possuem estruturas flexíveis e estão em constante “movimento” na sociedade.

Infelizmente, tivemos de partir de uma lacuna bibliográfica. Em que pese a vasta fortuna crítica sobre estudos de gênero textual e de análise discursiva, não foi localizado estudo de fôlego sobre as especificidades do Jornalismo Gonzo no Brasil. O gênero mereceu comentários esparsos, mas, até então, nenhuma dissertação ou tese com o propósito de investigar como o texto midiático, caso do Jornalismo Gonzo no Brasil, pode ser olhado e desconstruído a partir da teoria dos gêneros.

A escolha das reportagens da *Trip* como corpus de análise se reafirmou por ser uma revista que se reflete na construção de um gênero socialmente e culturalmente determinado. Ela influencia uma fatia considerável da sociedade, os jovens escolarizados e com alto poder aquisitivo, que buscam, por meio dela, conhecimentos sobre os aspectos políticos, culturais, sociais, comportamentais, dentre outros.

Tais textos se mostraram como um processo. Eles são legítimos representantes do gênero do discurso; fazem parte de um código sociocultural, são polissêmicos e possuem caráter interacional com a comunidade leitora de tal veículo de comunicação.

Se, como dissemos anteriormente, todo gênero se realiza em textos, entendemos que o Jornalismo Gonzo encontra neste espaço da revista, dedicado há 15 anos a publicá-lo, abrigo para continuar o seu processo de desenvolvimento. Isso ocorre, certamente, pelo próprio caráter da revista, que possui segmentação e, por ser uma publicação mensal. Ela possibilita ao jornalista o tempo necessário para a

produção das reportagens, que, como procuramos demonstrar, possuem um alto teor de envolvimento do repórter. Ele foge da pressão do *deadline* (horário máximo para a entrega das matérias nas redações e que costuma ser o terror dos jornalistas dos veículos diários).

A narração em primeira pessoa, uma das características do Jornalismo Gonzo, aproxima o locutor do fato narrado, imprimindo maior legitimidade à narração. O subjetivismo tão criticado pelas escolas tradicionais de jornalismo aqui é posto de forma explícita, porque o locutor narra e incorpora à matéria todas as suas impressões pessoais. As marcas textuais desse autor que adere ao narrado, às vezes com pungência, às vezes com sarcasmo, ficaram evidentes na análise das duas reportagens. Mais do que um narrador sincero, a utilização da primeira pessoa implica na subjetividade explícita.

Mas a aura de um jornalismo humano e real é reforçada, no caso da segunda reportagem analisada (*Podres poderes*), quando se dá vez e voz ao leitor. O leitor vira repórter por um dia e ganha espaço para que o empírico e a história possam se manifestar. O Jornalismo Gonzo se revela, então, um processo integral, que abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor.

O estatuto genérico de um texto está tanto no querer dizer do autor, o locutário, quanto no que é percebido pelo leitor, o alocutário ou, simplesmente, chamado de receptor. Dessa forma, “o gênero é uma instância que determina a leitura de um texto desde o ponto de vista de sua forma e de seu conteúdo. (...) Como instituição, os gêneros orientam produtores e receptores e funcionam como ‘horizontes de expectativa’ para os leitores e como ‘modelos de escritura’ para os autores” (TODOROV, 1980, p. 49). Tal concepção destaca as duas condições para a existência de um gênero. Uma enfatiza que os autores escrevem em função do

sistema genérico que testemunham no texto e fora dele. A outra salienta que os leitores lêem em razão do sistema genérico que conhecem pelos sistemas de difusão aos quais têm acesso (MEURER, MOTTA-ROTH, 2002, p. 260).

Como foi possível observar, a *Trip*, voltada ao público jovem e em grande parte masculino, possui linha editorial ousada, na medida em que mescla jornalismo e entretenimento. A revista se destaca por sua liberdade de escrita, pelas pautas diferenciadas e pela linguagem despojada. A direção da revista intitula essa forma de fazer jornalismo como “jornalismo contemporâneo”. O público, em sua maioria, é jovem, porém um jovem específico: aquele interessado em novidades, com um caráter crítico, mais politizado, estudado e com acesso a bens de consumo — perfil-padrão de quem compra com frequência uma revista no Brasil hoje, mas diferenciado, neste caso, pela faixa etária predominante (dos 25 aos 34 anos) e pelo alto percentual de leitores com nível superior completo (54%).<sup>42</sup>

As regras que inscrevem as reportagens apresentadas no gênero do Jornalismo Gonzo não são coercitivas. Elas revelam características estruturais e lingüísticas moldadas pelas formações discursivas e pelas posições ideológicas do autor dos textos. Espaço e tempo deixam as marcas também no interior dessas matérias.

Na opinião de muitos historiadores e especialistas em comunicação social, foi efêmera a fase de apropriação do padrão alternativo por parte da grande imprensa no Brasil. Ela se resumiu às experiências dos anos 70. Hoje as regras de mercado e a influência norte-americana imperam:

---

<sup>42</sup> Cf. dados obtidos no decorrer da pesquisa com o Departamento de Publicidade da Trip Editora. Os gráficos seguem anexos.

Além das implicações políticas, o abandono do imaginário alternativo pelo novo Projeto Folha marca a ascensão de todo um novo imaginário, auto-proclamado pós-moderno, que contém entre seus elementos definidores a própria rejeição da possibilidade da utopia, da necessidade de uma ética. (KUCINSKI, 1991, p. 127)

Nesse contexto, a reportagem da *Trip* revela-se uma agradável surpresa. Ela escancara os bastidores do fazer jornalístico, aborda temas polêmicos e convida o leitor para uma reflexão com emoção, já que o caráter aventureiro faz parte das matérias. O Jornalismo Gonzo vai na contramão da maré de modernização da imprensa brasileira, que desvaloriza o jornalismo romântico e de profundidade.

O Jornalismo Gonzo desmascara o simulacro de realidade imposta pela grande mídia e faz lembrar a máxima lingüística de que o homem só existe “na” e “pela” linguagem. A palavra reflete os fatos, mas também os prisma. A reportagem gonzo oferece ao leitor aventura e conhecimento. E a verdadeira viagem não consiste em chegar a novas terras, mas em ver com novos olhos.



## **BIBLIOGRAFIA:**

### **1. FONTES PRIMÁRIAS**

VERÍSSIMO, Arthur. Hey! Arthur. *Trip*, Trip Editora, ano 18, n. 139, p. 132-137, nov. 2005.

\_\_\_\_\_. Podres poderes. *Trip*, Trip Editora, ano 19, n. 148, p. 130-134, set. 2006.

### **2. FONTES SECUNDÁRIAS**

AGUILERA, Octavio. *La literatura em el periodismo*. Madrid: Paraninfo, 1992.

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

ARNT, Hérís. *O folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

AUSTIN, J.L. *Quand dire, c'est faire*. Paris: Seuil, 1970.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec/Annablume,

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BOND, F. Fraser. *Introdução ao jornalismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BONINI, Adair; MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée. (Orgs.). *Gêneros – Teorias, métodos, debates*. São Paulo: Editora Parábola, 2005.

BOYNTON, Robert. *The New New Journalism*. New York: Vintage, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRANDÃO, Nagamine H. Helena. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CAMBRIDGE INTERNATIONAL DICTIONARY OF ENGLISH. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CLARKE, Gerald. *Capote. Uma biografia*. São Paulo: Editora Globo, 1993.

CHILÓN, Albert. *Literatura y periodismo*. Barcelona: Aldeia Global, 1999.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. New York: The Hague / Mouton, 1957.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904 a 2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DINES, Alberto. *O papel do jornal*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

FARACO, Carlos Alberto. *A linguagem e o diálogo. As idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Edições Criar, 2003.

FARO, J.S. *Revista Realidade, 1966-1968. Tempo da reportagem na Imprensa brasileira*. São Paulo: Editora Ulbra, 1999.

FERNANDES, Terezinha. *Jorge Andrade, repórter Asmodeu (Leitura do discurso jornalístico do autor na revista Realidade)*. 1988. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *Elementos de análise do discurso*. 11ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002. (Vol. 1 e 2).

\_\_\_\_\_. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

FREITAS, Helena de Souza. *Jornalismo e literatura: inimigos ou amantes*. São Paulo: Setúbal / Peregrinação, 2002.

FREUD, Sigmund. (1905). *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*. Paris: Gallimard, 1976. (Col. Idées).

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1996.

\_\_\_\_\_. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1965.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KRISTEVA, Julia. *Semeiotikè, recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

KOCH, Ingedore G. Villaça; FÁVERO, Leonor Lopes. *Lingüística textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 2000.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Edusp, 1997.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1960. (Ensaio nº 8).

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas*. São Paulo: Manole, 2004.

LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na universidade brasileira*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

LOPES, Edward. *A identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturalistas da narrativa*. São Paulo: Edusp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Discurso, texto e significação*. São Paulo: Cultrix, 1978.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

\_\_\_\_\_. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Termos-chave da análise de discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_ ; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

MANUAL DA REDAÇÃO: FOLHA DE S.PAULO. São Paulo: Publifolha, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Notícia, um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira. 2003.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros textuais e práticas discursivas. Subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2002.



MIÈGE, Bernard. *La sociedad conquistada por la comunicación*. Barcelona: ESRP/PPU, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso – Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 6ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, s.d..

\_\_\_\_\_. *Analyse authomatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. *Páginas ampliadas. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

ROGÉ, Carlos. *Literatura e política: práticas políticas*. São Paulo: Edusp, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. Trad. Luciano Vieira Machado. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

THOMPSON, Hunter S. *A grande caçada aos tubarões. Histórias estranhas de um tempo estranho*. Rio de Janeiro: Conrad do Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. *Hell's Angels*. Rio de Janeiro: Conrad do Brasil, 2004.

UNIDADE. *Realidade morreu. Quem matou? Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo*, São Paulo, Ed. Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, ano I, nº 8, mar. 1976.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

WOLFE, Tom. *El nuevo periodismo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1975.

\_\_\_\_\_. *The new journalism*. London: Picador, 1975.

\_\_\_\_\_. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## **2.2. INTERNET**

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 2006. Disponível em: <http://200.225.157.123/dicaureliopos/home.asp?logado=true>. Acesso em: 06 nov. 06.

HOUAISS, Antônio. (Ed.). *Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.ihtm>. Acesso em: 01 nov. 06.

KARAM, Francisco. A antigüidade greco-romana, o lead e a contemporânea narrativa jornalística. *Opinião*. Disponível em: <http://www.abi.org>. Acesso em: 20 maio 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Fala e escrita: Características e usos. In: NELFE (Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita), Departamento de Letras da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Recife: UFPE, s.d. Disponível em:

[http://72.14.209.104/search?q=cache:Y86vgkd\\_3uJ:bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc+suporte+marcuschi&hl=pt-](http://72.14.209.104/search?q=cache:Y86vgkd_3uJ:bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc+suporte+marcuschi&hl=pt-)

[BR&gl=br&ct=clnk&cd=1&lr=lang\\_pt](http://72.14.209.104/search?q=cache:Y86vgkd_3uJ:bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc+suporte+marcuschi&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1&lr=lang_pt). Acesso em: 06 nov. 2006.

## **ANEXO I**

## **ANEXO II**

## **ANEXO III**

Entrevista extraída do site Observatório da Imprensa.<sup>43</sup>

***Em que momento da sua vida alguém disse: Arthur, a partir de agora, é o repórter gonzo da Trip!***

O nome estava aí, mas foi dentro da *Trip*, pelo meu editor, Paulo Lima. Eu já conhecia a obra do Hunter Thompson (1937-2005). Era uma coisa fácil de decodificar, tem a ver com jornalismo, e fez uma febre danada... um monte de garoto querendo ser gonzo, gonzo, gonzo. A minha vontade é que essa juventude que está querendo fazer jornalismo gonzo pesquise profundamente. O Hunter Thompson fazia isso. Pelos diários de Jack Kerouac, vê-se que o cara era um baita pesquisador também. Aquele fluxo contínuo de idéias e ações. Por exemplo: o TinTin é gonzo, o Peninha é Gonzo, Jack Kerouac é gonzo, os andarilhos sadhus da Índia também. Daí, o gonzo que a gente recriou dentro das possibilidades editoriais da Trip foi fazer um tipo de jornalismo que fosse degustativo para os jovens. Pois é entretenimento, aquilo. Antropologia com entretenimento. Sempre querendo saber até onde pode chegar esse tipo de jornalismo. É preciso entrar no corpo a corpo, aí é que você aprende realmente. No tipo de reportagem que faço tento resgatar grandes pesquisadores, como Marco Pólo, Darwin e outros.

***Qual o momento em que você decidiu escrever?***

Cara, a história é longa. Tinha uma revista que os “maluco beleza” faziam na época, os “Zé pedrinha da época”, umas questões profundas, muitas terapias, chamava-se *Transe*, uma revista de Brasília, em 1979. Lógico, quando eu era garoto, presidente de grêmio de colégio, já fazia um jornalzinho. Pra mim sempre foi muito fácil fazer um texto clássico de jornal, com as informações, apuração etc. Pra mim é fácil. O difícil é fazer num espaço pequeno, não sendo um livro, uma matéria mais elaborada, investigativa, que não tenha o tamanho de um livro, mas que mostre as preciosidades do mundo. Por exemplo, essa minha última matéria, sobre o João de Deus (edição 145 da *Trip*), essa matéria, poxa, ainda nesse período se confronta com questões de censura. Nas bancas nós encontramos, hoje, publicações que falam sobre espiritismo, sobre as psicografias de Chico Xavier e outros – são coisas

---

<sup>43</sup> Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com](http://www.observatoriodaimprensa.com). Acesso em: 17 set. 2006.



profundas do Brasil, são cicatrizes. E nós temos que correr atrás dessas informações. O jornalismo político também está aí. As pessoas (repórteres) se prendem a muitas besteirinhas, enfim...

### ***Por que o jornalismo literário não está na mídia?***

Porque os caras que controlam não permitem. Bom, mas até o dono de jornal, o Otavio Frias [*da Folha*], ele até fez algumas matérias de grandes investigações. Escreveu “A queda livre”, enfim, teve algum espaço. A *Trip* dá um espaço não muito grande... pois é legal ter fotografia. Com fotografia fica fácil a leitura. Eu tento levar uma reportagem que mexa com os sentidos. Tento buscar sempre um jeito de despertar. Tirar a pessoa do lugar comum. Por exemplo, ele está no metrô lendo a matéria, no avião, na privada, criando ruídos dentro dela. Senão, pra que é que eu estou fazendo alguma coisa? Eu gosto muito dos jornais de sábado e domingo, por que aparecem boas reportagens. É um lixo, mas eu leio tudo, a *Folha*, o *Estado*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*.

### ***E as suas pautas?***

Eu sou uma bíblia. Eu *ripo* há muitos anos todas as publicações. Eu tenho fontes inesgotáveis de matérias. Um exemplo: vocês estão sabendo o que vai acontecer amanhã, com o planeta? Amanhã o XP14 (asteróide) vai passar do lado do planeta Terra. Saiu uma nota num jornal chileno, e nos brasileiros não saiu “lhufas”. É uma p... informação, que altera todos os hábitos dos terráqueos, e a imprensa brasileira foi a única que não informou...

### ***Claro que você teve alguma influência. Quem são?***

Um cara que me influenciou bastante foi o Gilberto Felisberto Vasconcellos. Um cara top é Cláudio Tognolli, com as suas investigações. E outro foi Pepe Escobar, que também me influenciou muito e pra mim é um ícone do jornalismo brasileiro. E assim vai. A turma do *Pasquim* remete muito ao jornalismo gonzo. Eu devorava esse jornal, as revistas *Manchete*, *Realidade* e *Playboy* dos meus primos. Na verdade, eu

acho que a gente deve produzir, fotografar, se pautar, pagar, e temos às vezes que maquiar as situações. Me apóio muito nos 10 mandamentos de Ryszard Kapuscinski, de como um jornalista deve se virar no exterior. Também pego na fonte de Kerouac. O gonzo aconteceu também por incentivo de muitas pessoas. Muitos amigos influenciaram bastante. A gente estuda, mas o autodidatismo é fundamental. Eu tenho muito interesse por literatura, também. Livros de ciência também fizeram parte do meu repertório. A gente vem de uma época de informações incríveis, não com essa velocidade de informações que, particularmente, também acho legal.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)